

Universidades Lusíada

Saraiva, Catarina Godinho, 1997-

Trair ou ser traído? Estudo exploratório sobre os preditores e os efeitos da infidelidade numa amostra de jovens portugueses

<http://hdl.handle.net/11067/7567>

Metadados

Data de Publicação	2023
Resumo	<p>A infidelidade numa relação, por norma, acarreta diversas consequências e desafios na vida de um casal, levantando diversas questões sobre o porquê do sucedido e como será que a confiança será novamente reposta. Deste modo, o presente estudo procura, por um lado, explorar os preditores da infidelidade e, por outro lado, os efeitos que a infidelidade pode desencadear numa relação. A amostra do estudo é composta por 101 jovens adultos, que frequentam o ensino superior (17 do sexo masculino e 84 do...</p> <p>Infidelity in a relationship usually brings with it various consequences and challenges in a couple's life, raising various questions about why it happened and how trust will be restored. This study therefore seeks, on the one hand, to explore the predictors of infidelity and, on the other, the effects that infidelity can have on a relationship. The study sample consisted of 101 young adults in higher education (17 males and 84 females) aged between 20 and 24 ($M = SD = 1.52$, [20-24 years]). The ...</p>
Palavras Chave	Adultério, Relações humanas na juventude, Jovens - Psicologia
Tipo	masterThesis
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-IPCE] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-09-21T06:30:22Z com informação proveniente do Repositório



UNIVERSIDADE LUSÍADA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
Mestrado em Psicologia Clínica

**Trair ou ser traído? Estudo exploratório sobre os
preditores e os efeitos da infidelidade numa amostra
de jovens portugueses**

Realizado por:
Catarina Godinho Saraiva

Orientado por:
Prof.^a Doutora Joana Martins Gonçalves Lopes

Constituição do Júri:

Presidente: Prof.^a Doutora Túlia Rute Maia Cabrita
Orientadora: Prof.^a Doutora Joana Martins Gonçalves Lopes
Arguente: Prof. Doutor Miguel da Costa Nunes de Freitas

Dissertação aprovada em: 09 de julho de 2024

Lisboa

2023



UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA

Instituto de Psicologia e Ciências da Educação

Mestrado em Psicologia Clínica

**Trair ou ser Traído? Estudo Exploratório sobre os
preditores e os efeitos da infidelidade numa amostra
de jovens portugueses**

Catarina Godinho Saraiva

Lisboa

Dezembro 2023



UNIVERSIDADE LUSÍADA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestrado em Psicologia Clínica

**Trair ou ser Traído? Estudo Exploratório sobre os
preditores e os efeitos da infidelidade numa amostra
de jovens portugueses**

Catarina Godinho Saraiva

Lisboa

Dezembro 2023

Catarina Godinho Saraiva

Trair ou ser traído? Estudo exploratório sobre os preditores e os efeitos da infidelidade numa amostra de jovens portugueses

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof.^a Doutora Joana Martins Gonçalves Lopes

Lisboa

Dezembro 2023

FICHA TÉCNICA

Autora Catarina Godinho Saraiva
Orientadora Prof.^a Doutora Joana Martins Gonçalves Lopes
Título Trair ou ser traído? Estudo exploratório sobre os preditores e os efeitos da infidelidade numa amostra de jovens portugueses
Local Lisboa
Ano 2023

CASA DO CONHECIMENTO DA UNIVERSIDADE LUSÍADA - CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SARAIVA, Catarina Godinho, 1997-

Trair ou ser traído? : estudo exploratório sobre os preditores e os efeitos da infidelidade numa amostra de jovens portugueses / Catarina Godinho Saraiva ; orientado por Joana Martins Gonçalves Lopes. - Lisboa : [s.n.], 2023.
- Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada.

I - LOPES, Joana Martins Gonçalves, 1984-

LCSH

1. Adulterio
2. Relações humanas na juventude
3. Jovens - Psicologia
4. Universidade Lusíada. Instituto de Psicologia e Ciências da Educação - Teses
5. Teses - Portugal - Lisboa

1. Adultery

2. Interpersonal relations in adolescence
3. Youth - Psychology
4. Universidade Lusíada. Instituto de Psicologia e Ciências da Educação - Dissertations
5. Dissertations, academic - Portugal - Lisbon

LCC

1. BF724.3.I58 S27 2023

Agradecimentos

A realização desta dissertação de mestrado contou com o apoio e incentivo de pessoas muito importantes a quem estou eternamente grata.

Em primeiro lugar um agradecimento muito especial à Prof^a Doutora Joana Lopes, minha orientadora, por todo o apoio, dedicação e motivação dados ao longo deste processo. Um agradecimento especial também à Prof^a Doutora Túlia Cabrita pelos seus ensinamentos, compreensão e auxílio.

Agradeço e dedico este trabalho aos meus pais que tornaram possível todo este percurso. Perante as diversas adversidades que foram surgindo sempre me apoiaram e fizeram com que tudo se tornasse mais simples. A eles, agradeço do fundo do meu coração e que por muitos e longos anos continuem a ser o meu porto de abrigo.

À minha avó por todo o amor e força.

À Andreia, que a defino como a irmã que nunca tive e que sempre esteve do meu lado, a torcer pelas minhas conquistas e a dar-me o seu ombro amigo nas fases menos sorridentes. Um obrigada muito especial.

À Dora por ser a amiga de uma vida. Obrigada por toda a positividade e boa disposição, que tornaram sempre todo este percurso, mais leve. Que a nossa caminhada se cruze por muito mais anos, sempre a sorrir.

Ao Jorge, por todo o apoio, por ser o meu braço direito, por ser a luz ao fundo do túnel, sempre.

Um obrigada muito especial às minhas colegas Beatriz, Rafaela e Susana.

Um obrigado a todos os meus amigos, que tornaram toda esta caminhada mais bonita, por estarem sempre presentes, por confiarem em mim e por se orgulharem de

todas as minhas conquistas. A amizade e o amor são sem dúvida os sentimentos mais bonitos da vida, que sejamos sempre pessoas cheias deles.

Resumo

A infidelidade numa relação, por norma, acarreta diversas consequências e desafios na vida de um casal, levantando diversas questões sobre o porquê do sucedido e como será que a confiança será novamente reposta. Deste modo, o presente estudo procura, por um lado, explorar os preditores da infidelidade e, por outro lado, os efeitos que a infidelidade pode desencadear numa relação. A amostra do estudo é composta por 101 jovens adultos, que frequentam o ensino superior (17 do sexo masculino e 84 do sexo feminino), com idades compreendidas entre os 20 e 24 anos ($M = DP = 1.52$, [20-24 anos]). As amostras encontram-se dividida em três grupos, nomeadamente, o grupo inféis, o grupo traídos e o grupo de controlo (grupo de indivíduos que não foram inféis, nem foram traídos).

O plano metodológico incluiu a administração de oito instrumentos (Questionário Sociodemográfico, Escala de Motivação para a Infidelidade, Escala de Vinculação do Adulto, Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal, Inventário de Saúde Mental, Questionário de Autoestima de Rosenberg, Escala de Tolerância à Infidelidade e Questionário *Brief- COPE*). Os resultados revelam uma maior predominância do sexo feminino para ser infiel, em comparação ao sexo masculino. Verificou-se que as principais motivações para a infidelidade, são a motivação por negligência e por insatisfação. Foram observadas diferenças significativas relativamente aos níveis de motivação para infidelidade por negligência de acordo com os níveis de insatisfação conjugal.

Verificou-se ainda uma forte relação entre a subescala do questionário de vinculação – ansiedade e a autoestima.

Palavras-chave: Infidelidade, Relações, Sexualidade, Satisfação Sexual,
Motivação, Sexo, Autoestima, Vinculação

Abstract

Infidelity in a relationship usually brings with it various consequences and challenges in a couple's life, raising various questions about why it happened and how trust will be restored. This study therefore seeks, on the one hand, to explore the predictors of infidelity and, on the other, the effects that infidelity can have on a relationship. The study sample consisted of 101 young adults in higher education (17 males and 84 females) aged between 20 and 24 ($M = SD = 1.52$, [20-24 years]). The samples were divided into three groups: the unfaithful group, the betrayed group and the control group (a group of individuals who were neither unfaithful nor betrayed).

The methodological plan included the administration of eight instruments (Sociodemographic Questionnaire, Infidelity Motivation Scale, Adult Attachment Scale, Satisfaction Assessment Scale in Areas of Marital Life, Mental Health Inventory, Rosenberg Self-Esteem Questionnaire, Infidelity Tolerance Scale and Brief-COPE Questionnaire). The results show that females are more likely to be unfaithful than males. The main motivations for infidelity were found to be negligence and dissatisfaction. Significant differences were observed between the levels of motivation for infidelity due to neglect and the levels of marital dissatisfaction.

There was also a strong relationship between the subscale of the attachment questionnaire - anxiety and self-esteem.

Keywords: Infidelity, Relationships, Sexuality, Sexual Satisfaction, Motivation, Sex, Self-Esteem, Attachment

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Caracterização da amostra.....	61
Tabela 2 – Caracterização da amostra dos três grupos.....	62
Tabela 3 – Protocolo de recolha de dados.....	62
Tabela 4 – Medidas descritivas para o grupo infieis acordo com o sexo.....	69
Tabela 5 - Medidas descritivas para o grupo infieis de acordo com a idade.....	69
Tabela 6 - Medidas descritivas para a motivação para a infidelidade.....	70
Tabela 7 – Medidas descritivas para a motivação para a infidelidade.....	71
Tabela 8 – Medidas descritivas para a revelação da infidelidade.....	72
Tabela 9 – Medidas descritivas para as dimensões da vinculação.....	72
Tabela 10 – Medidas descritivas para as dimensões e áreas da satisfação conjugal.....	73
Tabela 11 – Medidas descritivas para a autoestima	74
Tabela 12 - Medidas descritivas para a saúde mental.....	74
Tabela 13 - Medidas descritivas para o grupo traídos de acordo com o sexo.....	75
Tabela 14 - Medidas descritivas para o grupo traídos de acordo com a idade.....	75
Tabela 15 – Medidas descritivas para a Tolerância à infidelidade.....	75
Tabela 16 - Medidas descritivas para o Brief-COPE	76
Tabela 17 - Medidas descritivas para a Autoestima.....	77
Tabela 18 – Medidas descritivas para o grupo de controlo de acordo com o sexo.....	77
Tabela 19 - Medidas descritivas para o grupo de controlo de acordo com o sexo.....	77
Tabela 20 - Medidas descritivas para o grupo de controlo de acordo com a tolerância á infidelidade imaginada	78
Tabela 21 - Medidas descritivas para o grupo de controlo de acordo com a vinculação.....	78

Tabela 22 - Associações entre as subescalas da Motivação para a Infidelidade e a Autoestima, Satisfação Conjugal, Vinculação, Saúde Mental e Coping.....	79
Tabela 23 - Associações entre a Motivação para a Infidelidade e Satisfação Conjugal.....	80
Tabela 24 – Associações entre a Vinculação e Satisfação Conjugal.....	81
Tabela 25 - Associações entre a Vinculação e Autoestima	82
Tabela 26 - Associações entre a Tolerância à Infidelidade e a Coping.....	83
Tabela 27 - Associações entre o Coping e a Autoestima.....	84
Tabela 28 - Associações entre a Tolerância à Infidelidade e a Autoestima, Satisfação Conjugal, Vinculação, Saúde Mental e Coping.....	84
Tabela 29 - Associações entre a Satisfação Conjugal, Vinculação, Saúde Mental e Coping.....	85
Tabela 30 – Correlações entre a idade e coping.....	87
Tabela 31 - Diferenças nas subescalas reintegração, aceitação e suporte emocional da Escala Brief-COPE de acordo com as habilitações literárias.....	87
Tabela 32 - Diferenças na subescala motivação por sexo da escala Motivações para a Infidelidade de acordo com o sexo.....	88
Tabela 33 - Diferenças na autoestima de acordo com a infidelidade.....	89
Tabela 34 - Diferenças na vinculação de acordo com a infidelidade.....	89
Tabela 35- Diferenças na saúde mental de acordo com a infidelidade.....	90
Tabela 36 - Regressão linear múltipla da motivação sexual para a infidelidade com as demais variáveis	90
Tabela 37 - Preditores da Motivação Sexual.....	91

Tabela 38 - Regressão linear múltipla da motivação por negligência com as demais variáveis	91
Tabela 39 - Preditores da Motivação por negligência.....	91
Tabela 40 - Regressão linear múltipla da tolerância sexual com as demais variáveis.....	92
Tabela 41 - Preditores da Tolerância Sexual.....	92
Tabela 42 - Regressão linear múltipla da tolerância sexual com as demais variáveis.....	93
Tabela 43 - Preditores da Tolerância Sexual.....	93

Lista de Abreviaturas

EMI- Escala de Motivação para a Infidelidade

EVA - Escala Vinculação do Adulto

EASAVIC - Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal

MHI-5 - Inventário de Saúde Mental

RSES - Escala de Autoestima de Rosenberg

ITIS - Escala de Tolerância à Infidelidade

Índice

Introdução.....	18
Enquadramento Teórico.....	20
1. Jovem Adulto.....	20
2. Relações Amorosas.....	22
3. Infidelidade.....	24
3.1 Tipos de infidelidade.....	26
3.2 Dimensão socio-cultural da infidelidade: Atitudes e comportamentos associados com a infidelidade.....	27
3.3 Modelos conceptuais sobre a infidelidade.....	28
3.3.1. Modelo de Investimento.....	29
3.3.2. Modelo “ <i>Exit-voice-loyalty-neglect</i> ”	31
3.3.3. The Ecological Couple's Systems Diagram.....	32
3.4. Preditores da infidelidade.....	33
3.4.1. Fatores demográficos.....	33
3.4.1.1. Género e idade.....	33
3.4.2. Fatores individuais.....	34
3.4.2.1. Vinculação.....	34
3.4.2.1.1. O conceito de vinculação.....	34
3.4.2.1.2. Teoria da Vinculação.....	35
3.4.2.1.3. Modelos Internos Dinâmicos da Vinculação.....	37
3.4.2.1.4. Vinculação na Infância.....	39
3.4.2.1.5. Vinculação no Adulto.....	42

3.4.2.1.6. Vinculação Romântica.....	42
3.4.2.1.7. Vinculação e Comportamentos de Infidelidade.....	45
3.4.2.2. Autoestima.....	47
3.4.2.2.1. O conceito de autoestima.....	47
3.4.2.2.2. Autoestima e as Relações Amorosas.....	47
3.4.2.2.3. Autoestima e Infidelidade.....	48
3.4.3. Factores relacionais.....	49
3.4.3.1. (In)Satisfação Conjugal.....	49
3.4.4. Factores contextuais.....	53
3.5. Motivações para a Infidelidade.....	54
3.6. Consequências da infidelidade.....	56
Capítulo II: Estudo Empírico.....	59
1. Objetivos e Questões de Investigação.....	59
2. Hipóteses.....	60
3. Método.....	60
3.1. Participantes.....	61
3.2. Instrumentos de Avaliação	63
3.2.1. Questionário Sociodemográfico.....	63
3.2.2. Escala de Motivação para a Infidelidade (EMI).....	63
3.2.3. Escala de Vinculação do Adulto (EVA).....	64
3.2.4. Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal.....	65

3.2.5. Inventário de Saúde Mental (MHI-5).....	65
3.2.6. Escala de Autoestima de Rosenberg (RSES).....	66
3.2.7. Escala de Tolerância à Infidelidade (ITIS).....	66
3.2.8. Escala <i>Brief</i> - COPE.....	67
3.3 Procedimentos e tratamento estatístico de dados.....	68
4. Resultados.....	69
4.1. Resultados Descritivos.....	69
4.2. Estudos de Associação.....	79
4.3. Estudo das diferenças em função das variáveis sociodemográficas.....	87
4.4. Estudo das diferenças entre os grupos.....	89
4.5. Estudo das diferenças no intragrupo.....	90
4.6. Resultados Inferenciais.....	90
5. Discussão.....	91
6. Conclusão.....	101
Referências.....	103
Apêndices.....	119
Apêndice A.....	120
Apêndice B.....	121

INTRODUÇÃO

É curioso repensar o amor e as relações cronologicamente, pois é notório que ao longo do tempo ambos têm sofrido grandes alterações. As relações atualmente não se prendem ao “foram felizes para sempre”, a liberdade que hoje se faz sentir permite aos indivíduos escolherem com quem querem estar, se pretendem pôr término a uma relação porque já não nutrem mais sentimento pelo seu companheiro ou até mesmo se querem envolver-se com vários sujeitos em simultâneo. Apesar de certos comportamentos já não serem julgados, existem ainda alguns que não são aceitáveis em diversas sociedades, como é o caso do adultério (Perel, 2017). Este comportamento é visto como transgressivo e pode mesmo levar ao fim de uma relação, destruindo a felicidade e a identidade do casal. De acordo com Pittman (1989), infidelidade é definida como um comportamento que resulta na perda da confiança do companheiro no relacionamento influenciado a autoestima dos traídos e a sua posição em relações futuras (Martins, et al., 2016).

O amor ilícito pode expressar-se através do envolvimento sexual e/ou emocional ou até mesmo pela combinação de ambas, (Martins, et al., 2016). São vários os motivos que levam os indivíduos a serem infiéis e cada casal encara e interpreta a infidelidade de acordo com as suas crenças e valores. A insatisfação conjugal pode gerar discussões e o distanciamento do casal, o que conseqüentemente pode também afetar a vida sexual do casal, levando os sujeitos a desinteressarem-se pelos seus companheiros (Perel, 2017).

Apesar de algumas limitações não deixa de ser pertinente estudar mais a fundo este tema, principalmente na população portuguesa já que existem poucas referências. Para além disso a infidelidade é uma das maiores causas do divórcio, sendo um tema que aos olhos de muitos sofre ainda algum estigma.

Por conseguinte, o objetivo geral desta investigação irá consistir em compreender o que motiva a infidelidade e como afeta os traídos.

CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO-CONCEPTUAL

No presente capítulo, será apresentada uma revisão da literatura, relacionada com os principais constructos em estudo, sendo eles, os preditores da infidelidade e as consequências que a infidelidade pode influenciar o funcionamento de um relacionamento. A literatura apresentada incide, num primeiro momento, na caracterização da fase desenvolvimental do jovem adulto, seguida pela definição do constructo principal em estudo - a infidelidade – e suas características, e, por fim, serão apresentados os principais preditores e desafios da infidelidade e suas consequências para as relações amorosas.

A literatura indica que a satisfação conjugal, a autoestima e a qualidade da vinculação parecem estar associadas à infidelidade. A vinculação estabelecida na fase da infância irá influenciar as relações que os indivíduos vão estabelecendo ao longo do seu percurso. Essa vinculação irá influenciar a vinculação amorosa que estes irão desenvolver com os seus pares. Quando essa vinculação não é segura, os indivíduos podem desenvolver sentimentos de dependência excessiva dos seus parceiros, insegurança na relação e algumas dificuldades na expressão de emoções e de sentimentos. Estes fatores, podem promover nos indivíduos uma baixa autoestima o que consequentemente afetará a satisfação conjugal do casal, levando assim estes a procurarem outros indivíduos exteriores ao relacionamento, como forma de compensar a sua carência (Arturo, 2006; Altin & Terzin, 2010; Byers, 2011; Sattler et al., 2017).

1. Jovem Adulto

De acordo com várias entidades, considera-se “jovem adulto” o indivíduo com idade compreendida entre os 20 e os 24 anos de idade (WHO, 1986).

A transição da adolescência para a fase de jovem adulto não é simples, nem automática, exige aos jovens adultos uma reorganização no seu funcionamento emocional, cognitivo e social (Arnett, 2007). A procura da independência, a exploração da identidade e a descoberta/o envolvimento na intimidade, são características comuns a este período que, por vezes, se constituem como desafios importantes, com consequências a vários níveis, sobretudo, a nível emocional (Bowen, 1978). Esta fase é também caracterizada por muitas mudanças, como (1) o sair de casa da família de origem (pais/cuidadores), (2) a definição/consolidação de um percurso académico e/ou profissional (com decisões difíceis e exigentes), (3) a, muito frequente, transição do meio académico para o meio profissional, e (4) o envolvimento e elevado investimento/interesse em relacionamentos amorosos e sua consolidação através do matrimónio e da parentalidade. Como tal, são comuns os sentimentos de incerteza que quando aliados a uma rede de suporte deficitária, podem estar na origem de sentimentos negativos e mal-estar psicológico (Claro & Mota, 2019; Lefkowitz, 2007).

Outros fatores como a pressão social e a padronização têm também grande influência no modo como os jovens adultos decidem traçar o seu percurso, levando a que muitos vivam numa constante luta interior entre o que desejam internamente e a satisfação das expectativas dos outros (Seiffge-Krenke, 2006). Quando a evidência mostra que as tarefas desenvolvimentais estão cada vez mais adiadas, fruto das características das Sociedades Ocidentais atuais, poderá pensar-se que a diferenciação do *self* e a formação da identidade típicas da adolescência, estejam na contemporaneidade presentes no período correspondente ao jovem adulto. Tal significa que atualmente o jovem adulto tem simultaneamente de forjar a sua independência e assumir uma série de responsabilidades

e tomar decisões quando, muitas vezes, está ainda em crise no que diz respeito à sua identidade (Claro & Mota, 2019; Schoen-Ferreira et al., 2003).

Um elemento importante que sobressai nesta fase é o dos relacionamentos íntimos que tendem a consolidar-se e a tornar-se mais sérios, com uma maior disponibilidade e abertura para a intimidade emocional e sexual (Arnett, 2000). O estabelecimento de um vínculo amoroso saudável pode ser um factor protector face ao stress e instabilidade típicos deste período do desenvolvimento. Nesses casos, a evidência empírica mostra que a vinculação romântica segura e a satisfação conjugal são do bem-estar psicológico, nomeadamente, da segurança, confiança, autoestima e estabilidade emocional (Hoyle et al., 1999; Mikulincer, et al, 2002; Vieira, 2008).

2. Relações Amorosas

A conceção das relações amorosas evoluiu ao longo do tempo. Até meados do século XX, o estabelecimento de uma relação amorosa ocorria apenas com vista a gerar descendentes e constituir uma família, tal como se verificou até meados do século XX. Não havia preocupação pela satisfação conjugal, pela felicidade e por um percurso a dois.

Atualmente, os indivíduos procuram intimidade, paixão, afeto, cumplicidade, e companheirismo nos seus relacionamentos, considerando a satisfação emocional, sexual e afetiva, os principais alicerces das suas relações. Ora, a satisfação conjugal e a qualidade das relações amorosas parecem depender de vários factores, entre eles o estilo de vinculação dos adultos envolvidos. A este respeito, Bowlby, Shaver e Hazan (1987), definem vinculação romântica como a ligação emocional que se forma entre os indivíduos à medida que desenvolvem os seus relacionamentos amorosos, com a percepção que os seus parceiros atenderão às suas necessidades primárias da vinculação. Essa vinculação emerge devido à semelhança com os estilos de vinculação desenvolvidos na infância

(Matos, 2002). Os autores apresentam ainda um quadro conceptual que permite avaliar o estilo de vinculação do adulto em três estilos, Estilo de Vinculação *Seguro*, Estilo de Vinculação *Inseguro -Evitante* e Estilo de Vinculação *Ansioso- Ambivalente*.

Os indivíduos com estilo de vinculação *seguro*, demonstram sentir conforto e segurança nas suas relações íntimas. A sua capacidade de equilíbrio entre a independência e a proximidade emocional é elevada, o que leva geralmente ao estabelecimento de relacionamentos saudáveis. Indivíduos com estilo de vinculação *inseguro - evitante* tendem a evitar a proximidade emocional, sentido desconforto com a hipótese de dependência do outro. No caso dos indivíduos com estilo de vinculação *ansioso – ambivalente* necessitam de atenção e aprovação constante por parte dos seus parceiros, receando o abandono e a rejeição. Experimentam sentimentos de insegurança e ansiedade nos seus relacionamentos amorosos (Shaver & Mikulincer, 2014).

Bartholomew (1990; Bartholomew & Horowitz, 1991), desenvolveu um modelo bidimensional, composto por quatro estilos de vinculação, Estilo *Seguro*, *Inseguro Preocupado*, *Inseguro Evitante Desligado* e *Inseguro Evitante Amedrontado* (Bartholomew & Horowitz, 1991). Indivíduos com estilo de vinculação *seguro*, demonstram ter uma visão positiva de si mesmos e dos outros, valorizando os seus relacionamentos amorosos. Por sua vez, indivíduos com estilo de vinculação *inseguro evitante desligado*, demonstram conter uma visão negativa dos outros, mas um bom *self*. Evitam a proximidade e a dependência do outro, desvalorizando a importância das relações amorosas. No caso, dos indivíduos com estilo de vinculação *inseguro preocupado*, a proximidade é algo que os deixa confortáveis, vendo o outro com positividade, mas contrariamente, desvalorizam a sua própria essência. Por fim, indivíduos com estilo *inseguro evitante amedrontado*, não contém uma visão positiva de

si, nem dos outros. Os seus receios e inseguranças faz com que se tornem indivíduos inibidos, que acreditam que não merecem receber o amor dos outros Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991).

A evidência científica mostra que indivíduos com estilo de vinculação segura, tendem a apresentar uma autoestima mais elevada e a serem mais confiantes nos seus relacionamentos, sendo a satisfação conjugal também mais elevada. (Hazan e Shaver, 1987; Narciso & Ribeiro, 2009). A relação entre a vinculação segura e a satisfação conjugal, é explicada pelos autores Hazan e Shaver (1987), sendo que fatores como a confiança, carinho, atenção, amor e amizade são partilhados por ambos os parceiros, verificando-se um decréscimo no surgimento de conflitos e de situações menos positivas (Hazan & Shaver, 1987; Simpson, 1990; Pedro, et al., 2015).

3. Infidelidade

O ser humano nasce com uma predisposição inata para se vincular e criar laços emocionais com outros indivíduos. A primeira relação a estabelecer é com os seus cuidadores (geralmente, mãe e pai), laço esse estável e duradouro, “*from the cradle to the grave*” (Bowlby, 1969/1982, p.208). Ao longo da vida vão surgindo novas figuras com quem irá estabelecer relações de amizade, laboral ou amorosa. Estas relações interpessoais são importantes a vários níveis para o desenvolvimento humano, nomeadamente, para determinadas funções cognitivas e funcionamento executivo (e.g., flexibilidade cognitiva e exploração de diversas perspetivas) e para a aquisição de novas capacidades sociais e emocionais, como a empatia e o funcionamento reflexivo (Moller & Vossler, 2015; Zare, 2011).

A importância e as características das diferentes relações que o indivíduo estabelece são também diferentes de acordo com a fase de desenvolvimento. Na fase da adolescência verifica-se o estabelecimento dos primeiros relacionamentos amorosos, acompanhados da exploração da intimidade e da componente sexual. Na adultez jovem, os relacionamentos tendem a tornar-se mais estáveis e seguros, o que permite aos jovens adultos a construção de um futuro a dois, assente no estabelecimento de objetivos comuns (Bertolo & Barbará, 2006).

O relacionamento amoroso define-se como qualquer modo de se relacionar amorosamente, como é o caso do namoro, casamento, e relacionamentos virtuais (Campos et al., 2017). A construção de um relacionamento amoroso e suas características envolve as necessidades, valores e crenças do casal. Esse processo envolve a formação de um contrato afetivo, implícito ou explícito, no qual são estabelecidas expectativas e compromissos entre os membros do casal. Esse contrato pode estar alicerçado em determinados valores sobre a conjugalidade tais como, a fidelidade, confiança, respeito, comunicação e apoio mútuo (Snyder, et al., 2008).

A fidelidade é um valor avaliativo, negociado no seio da relação conjugal, associando-se ao respeito pelo parceiro e pelo relacionamento que os une, tendo como expectativa a exclusividade emocional e sexual. Estas características são frequentemente consideradas cruciais para a confiança mútua que promove o equilíbrio do relacionamento conjugal (Pasini, 2010). Quando esses acordos são violados e a exclusividade emocional e/ou sexual é partilhada com indivíduos exteriores à relação, sem o consentimento do parceiro, fala-se de infidelidade (Moller & Vossler, 2015; Harris, 2004).

Durante o século XX, o amor e todas as suas componentes sofreram uma redefinição (Vatin, 2002). A infidelidade deixou de ser vista apenas como o envolvimento em casos extraconjugais, que serviam para gerir a sexualidade e as necessidades afetivas sobretudo do sexo masculino, para passar a ser considerada um comportamento socialmente ilegítimo nos relacionamentos (Moller & Vossler, 2015),

De um modo geral, os estudos têm procurado estudar a associação entre a infidelidade e o género. Segundo o estudo de Lalasz & Weigel (2011), o sexo masculino demonstra maior propensão para a procura de novas sensações e para o envolvimento em casos extraconjugais. O mesmo é corroborado por Boekhout (2003) e Kuroki (2013), que sustentam que o sexo masculino em comparação com o sexo feminino se envolve em relações extraconjugais, sendo a infidelidade sexual a mais prevalente. De acordo com o estudo desenvolvido pelos autores Fenigstein e Peltz (2002), socialmente o sexo masculino envolve-se sexualmente com outros indivíduos que não os seus parceiros, sem existir qualquer tipo de emoção ou sentimentos. Os autores mencionam a existência de um estereótipo, visto que contrariamente, a infidelidade emocional é considerada apenas para o sexo feminino (Fenigstein e Peltz, 2002).

Apesar de o sexo masculino apresentar valores médios mais elevados para a infidelidade, a discrepância entre ambos tem vindo a sofrer algumas alterações, verificando-se taxas de infidelidade entre os géneros, semelhantes (Brand et al., 2007).

3.1. Tipos de Infidelidade

A infidelidade tem sido categorizada em duas componentes, a sexual e a emocional (Martins et al., 2014). A infidelidade sexual caracteriza-se pela procura do contacto corporal e sexual, com envolvimento físico. Neste tipo de infidelidade é excluída

a dimensão emocional, limitando-se muitas vezes este tipo de infidelidade a um único encontro sexual. Pelo contrário, a infidelidade emocional caracteriza-se pela procura de afeto, compreensão, escuta e atenção, companheirismo, com o envolvimento em conversas íntimas e elevados sentimentos de paixão de quem trai pelo terceiro elemento externo ao casal (Barta & Kiene, 2005). A infidelidade emocional pode resultar na formação de um vínculo afetivo com indivíduos exteriores ao relacionamento, através de encontros, de admiração um pelo outro, de conversas mais pessoais e de sentimentos de paixão e afeto. Estes fatores inevitavelmente dissipam a energia direcionada para a relação primária (Almeida, et al., 2008). Ambos os tipos de infidelidade podem ocorrer em simultâneo, sendo procurada a componente sexual e emocional na relação extra-conjugal (Paul & Hayes, 2002).

A infidelidade tem um impacto profundo na harmonia do casal e um efeito pessoal significativo no estado psicológico de quem foi traído. Após a quebra de confiança associada à infidelidade, quem foi traído tende a apresentar frequentemente sintomas intensos de insegurança, raiva, ansiedade, vergonha, confusão, tristeza e perda de confiança nos outros e em si próprio (Miller & Maner, 2008). Muitos procuram respostas sobre a veracidade da relação e sobre as motivações que desencadearam o comportamento dos seus parceiros (Snyder, Baucom & Gordon, 2008).

3.2. Dimensão socio-cultural da infidelidade: Atitudes e comportamentos associados com a infidelidade

Os contextos socioculturais e históricos ao longo do tempo sofreram transformações, mas a infidelidade continua a ser ubíqua e a forma como é interpretada está relacionada com diversos fatores, como é o caso da cultura. Esther Perel (2019),

observou que indivíduos de diferentes culturas, respondem de forma distinta ao rompimento da monogamia, variando desde a compaixão cautelosa, ao entusiasmo ou da condenação à aceitação transigente. Nos países do Médio Oriente, por exemplo, a poligamia é aceite, não se verificando o mesmo nos países Ocidentais. Esta discrepância, pode ser justificada através do papel que ambos os géneros representam na sociedade, ou seja, a facto de não existir igualdade de género, pode fazer com que um tenha mais liberdade para se comportar de forma infiel, sem que tenha consequências negativas. O contrário também pode ocorrer, o liberalismo e a liberdade sexual em determinadas culturas, pode influenciar a ocorrência de comportamentos de infidelidade, visto que os limites do relacionamento e percepção de infidelidade podem reduzir o estigma associado a comportamentos de infidelidade (Sattler et al., 2017).

Solstad e Mucic (1999), através da realização de um estudo com população dinamarquesa, constataram que as atitudes relacionadas com a infidelidade, eram permissivas, demonstrando uma maior abertura e aceitação para a infidelidade dos parceiros. Os resultados obtidos pelos autores, encontram-se relacionados com a liberdade e abertura presente na sociedade dinamarquesa para os comportamentos de infidelidade. A complexidade destes comportamentos relativamente à infidelidade reflete a interseção dinâmica entre os fatores culturais, sociais e individuais.

3.3. Modelos conceptuais sobre a infidelidade

Na literatura estão presentes alguns modelos que procuram discutir e clarificar pontos relevantes para a compreensão dos fatores, motivações e consequências associadas ao comportamento de infidelidade.

3.3.1. O Modelo de Investimento

O Modelo de Investimento, desenvolvido pelo autor Rusbult (1980, 1983), surgiu com o intuito de estudar o compromisso nos relacionamentos amorosos. O termo compromisso, tem como definição, a ligação emocional que os indivíduos estabelecem com os seus parceiros, num relacionamento amoroso, que normalmente tendem a manter e a desenvolver ao longo do tempo. Autores como Agnew (2009), defendem o compromisso, como um fator central para a sustentação dos relacionamentos amorosos. Quando são verificados altos níveis de compromisso num relacionamento, conseqüentemente também se verifica um aumento na inclusão dos parceiros românticos e nos comportamentos que viabilizam a persistência dos indivíduos na sua relação. O compromisso pode por isso ser considerado um fator explicativo para o término de um relacionamento amoroso (Rusbult et al., 1998; Rusbult et al., 2011).

Rusbult (1980, 1983), baseou-se nas premissas da Teoria da Interdependência desenvolvida pelos autores Kelley e Thibaut (1978), para enfatizar o Modelo de Investimento, sendo a dependência considerada pelos autores um termo chave nas relações amorosas. A dependência surge quando os níveis de satisfação com a relação são elevados não existindo abertura, nem desejo, para procurar novas e outras alternativas à relação.

Dito isto, Rusbult (1980) acabou por determinar três fatores que procuram explicar o que leva os indivíduos a manterem ou não um relacionamento amoroso, (1) o nível de Satisfação, (2) o nível de Qualidade das Alternativas e (3) o nível do Tamanho do Investimento (Agnew, 2009).

O nível de satisfação, representa as expetativas que os indivíduos têm dos seus relacionamentos e do modo como os seus parceiros satisfazem as suas necessidades. O

nível de qualidade das alternativas, representa as opções potenciais que podem surgir fora dos relacionamentos, face às carências dos indivíduos, como por exemplo, o companheirismo e a sexualidade. O nível do tamanho do investimento, diz respeito, à percepção da relevância e amplitude dos recursos que os indivíduos aplicaram nos seus relacionamentos, sendo que estes podem perder valor, caso a relação termine. O investimento na relação pode ocorrer através de duas formas de motivação, a extrínseca e a intrínseca (Agnew, 2009; Rusbult et al., 1998).

Como motivação extrínseca podem ser considerados os bens materiais, os filhos fruto desses relacionamentos, o ciclo social e familiar, enquanto para a motivação intrínseca, podem ser considerados o tempo e o empenho, entre outros (Rusbult, 1980, 1983).

Quando o investimento nestes fatores é elevado, assiste-se a um aumento da dependência do relacionamento e da vinculação entre o casal o que consequentemente reforça o compromisso. Dito isto, altos níveis de compromisso, remetem para altos níveis de satisfação e investimento e baixos níveis de alternativas. O compromisso permite aos indivíduos avaliarem com mais coerência as suas decisões e as consequências face a uma situação de infidelidade, preocupando-se não só com o seu bem-estar, mas também com o dos seus parceiros e do relacionamento. Verifica-se uma maior e mais consciente avaliação das implicações principalmente a longo prazo, quando o compromisso estabelecido no relacionamento é também mais elevado (Drigotas, Safstraong & Gentilia, 1999; Rusbult et al., 1998; Rusbult et al., 2011).

3.3.2. Modelo “*Exit-voice-loyalty-neglect*” (EVLN)

O modelo *Exit-voice-loyalty-neglect* (EVLN), desenvolvido Hirschman (1970) e adaptado por Rusbult e os seus colaboradores (1982), teve como objetivo compreender o modo como os indivíduos reagem quando confrontados com situações de conflitos nos seus relacionamentos. Foram tipificadas quatro estratégias comportamentais, que os indivíduos adotam em resposta a situações de insatisfação no relacionamento, a saída (*exit*), a voz (*voice*), a lealdade (*loyalty*) e a negligência (*neglect*). Cada estratégia representa uma diferente forma de lidar com a situação, sendo que variam entre dimensões ativas, dimensões passivas e construtivas e dimensões destrutivas do relacionamento. As respostas ativas perante o relacionamento, abrangem a comunicação ou o confronto com o parceiro de modo estabelecer uma solução para o problema. As repostas passivas, funcionam precisamente forma contrária, sendo que os indivíduos optam por ignorar as atitudes dos seus parceiros. Em relação à estratégia da saída (*exit*), indica a decisão de afastamento ou de terminar o relacionamento, sendo esta uma estratégia ativa e destrutiva do relacionamento. A voz (*voice*), representa a expressão ativa de descontentamentos e preocupações relativamente ao relacionamento. Os indivíduos em vez de optaram por sair, optam por comunicar as suas inquietações e tentam resolver a situação, tentando alterar o seu comportamento e o dos seus parceiros. No caso da lealdade (*loyalty*), optam por permanecer no relacionamento apesar das adversidades, mantendo assim o envolvimento emocional e o compromisso. Esta estratégia é considerada passiva e construtiva. A negligência (*neglect*), refere-se à saída emocional e à diminuição do investimento no relacionamento. Os indivíduos neste caso, optam por se distanciar emocionalmente dos seus parceiros e do próprio relacionamento,

ignorando as adversidades existentes, sendo uma estratégia passiva e destrutiva para o relacionamento (Rusbult, et al., 1987; Rusbult & Zembrodt, 1983; Rusbult, et al., 1982).

3.3.3. The Ecological Couple's Systems Diagram

Com base no Modelo BioEcológico do Desenvolvimento de Bronfenbrenner (1977), os autores Jones, Meneses e Soloski (2011), propuseram o modelo *Ecological Couple's Systems Diagram* (ECSD), de modo a estudar os fatores associados à infidelidade. Estes autores, dão ênfase a fatores, como o traço de personalidade, o estilo de vinculação e os valores sexuais que podem estar relacionados com o comportamento de infidelidade.

Tal como o Modelo BioEcológico do Desenvolvimento, ECSD, é constituído pelos quatro sistemas ecológicos, sendo eles, Microssistema (*microsystem*), Mesossistema (*mesosystem*), Exossistema (*exosystem*) e Macrossistema (*macrosystem*). O microssistema, abrange as informações relacionadas com as características individuais e do parceiro, questões ligadas à sexualidade, nomeadamente, o desejo sexual, o interesse sexual e a excitação sexual. As experiências contidas neste sistema podem levar à formação de padrões pessoais em torno de comportamentos sexuais individuais ou do casal, que conseqüentemente podem levar à infidelidade sexual. O mesossistema realça a importância das conexões entre os diversos e distintos microssistema na vida dos indivíduos, ou seja, nos diferentes ambientes ou contextos. A comunicação entre o casal, por exemplo, pode ser influenciada pelas características individuais de cada elemento do casal, mas também por interações que vão surgindo ao longo das suas vidas, como as relações sociais e/ou familiares.

No caso do exossistema, os indivíduos interagem com dois ou mais ambientes, sendo que num deles, não participa diretamente, ou seja, caso existam fatores, como por exemplo, o ciclo social, as tecnologias que incluem as redes sociais e o emprego, que indiretamente influenciem a satisfação do casal, pode aumentar a disponibilidade para cometer infidelidade (Ward & Friedman, 2006).

Por fim, o macrossistema, representa os princípios sociais e culturais que permitem aos indivíduos formar os seus próprios padrões. Nesses princípios sociais e culturais, são incluídos, a religião, a etnia e os papéis de género, sendo eles constituídos por determinadas crenças e valores que permitem aos indivíduos criarem a sua própria perceção de infidelidade, aceitando ou censurado esse comportamento.

3.4. Preditores da infidelidade

A compressão da infidelidade é ainda um desafio multifacetado, visto que os relacionamentos estabelecidos entre os indivíduos também são fatores que envolvem alguma complexidade. Cada relacionamento e indivíduo é singular, que envolve uma diversidade de emoções, expectativas e circunstâncias. A infidelidade, neste caso, reflete uma variedade de motivos que transcendem as generalizações simplistas. Fatores demográficos, como o género e a idade, foram estudados por vários investigadores com o intuito de compreender a sua influência enquanto preditores para o comportamento de infidelidade.

3.4.1. Factores demográficos

3.4.1.1. Género e idade

Wiederman e LaMar (1998), desenvolveram os primeiros estudos relativamente à compreensão do género como preditor para a infidelidade, constatando-se que ambos os

sexos são infiéis. O sexo masculino apresenta maior propensão para se envolver em casos extraconjugais, comparativamente ao sexo feminino. O envolvimento sexual com indivíduos exteriores à relação é mais característico nos homens, sendo que nas mulheres é o envolvimento emocional que apresenta valores mais elevados, tendo estas mencionado a insatisfação na relação, a falta de afeto e cumplicidade e diminuição da empatia como principais motivos de infidelidade (Martins, 1991).

Estudos mais recentes, vieram também corroborar com a informação presente na literatura, sendo o sexo masculino quem mais trai, pelo envolvimento sexual. No caso do sexo feminino, a percentagem é mais baixa, justificando a infidelidade pela ausência de afeto e intimidade (Atkin et al., 2001; Goldenberh, 2006).

Relativamente à idade e de acordo com a literatura, os mais jovens apresentam uma maior probabilidade de infidelidade, principalmente no início das suas relações amorosas, não se verificando uma disparidade entre os géneros (Atkins et al., 2001).

Contrariamente, com o aumento da idade, as mulheres demonstram-se menos propensas a trair os seus parceiros, mas no caso do sexo masculino a incidência de infidelidade mantém-se contante (Allen et al., 2005; Rissel et al., 2003).

3.4.2. Factores individuais

3.4.2.1. Vinculação

3.4.2.1.1. O conceito de vinculação

A vinculação caracteriza-se como o laço emocional que é estabelecido entre a criança e o seu cuidador, sendo normalmente a figura maternal a assumir esse papel. Aquando do nascimento do bebé, este procura instintivamente estabelecer uma ligação com o indivíduo que se encontra mais próximo e com quem frequentemente interage.

Para além de satisfazer as necessidades básicas do bebé, como por exemplo, a alimentação, a figura ou as figuras cuidadoras, oferecem proteção e segurança que irá permitir ao bebé explorar o mundo que o rodeia de forma confortável e segura (Bowlby, 1958).

Bowlby (1973/1993), referiu que este primeiro contacto afetivo e emocional, é interpretado pela criança como um guia para as suas relações futuras. A relação de vinculação permite à criança contruir representações mentais de si mesma, sendo estas são cruciais para o seu desenvolvimento, visto que influenciam a confiança, o afeto e as expectativas que tem de si e dos outros (Bretherton, 1992).

3.4.2.1.2. Teoria da Vinculação

O estudo da Teoria da Vinculação é uma abordagem fundamental para compreender o comportamento humano, desde os primeiros momentos de vida até à idade adulta. Esta teoria enfatiza a existência de uma ligação emocional consistente entre a criança e os seus cuidadores, essencial para o seu desenvolvimento saudável, social e emocional.

As primeiras ideologias relacionadas com a vinculação surgiram na Inglaterra em 1958, onde este conceito era fundamentado com as teorias psicanalíticas. Sigmund Freud (1926), o criador psicanalista, defendia que a relação afetiva entre o bebé e a mãe, era somente estabelecida para satisfazer as necessidades alimentares. Johny Bowlby (1958), psicólogo, psiquiatra e psicanalista britânico, refutou este pensamento psicanalista, sugerindo que se estudasse os instintos libidinais. Ao longo de anos dedicou-se intensivamente ao estudo do desenvolvimento humano, realizando investigações e colaborando com outros autores. Devido ao ser trabalho significativo e precursor, é

conhecido como o pai da Teoria da Vinculação até aos dias de hoje. O seu legado contribui fundamentalmente para a psicologia e para o entendimento da importância da vinculação afetiva dos indivíduos, tendo começado por investigar as consequências psicológicas do afastamento precoce das figuras parentais. Constatou que as crianças apresentavam uma elevada tendência ao desenvolvimento de psicopatologias, comprometendo assim o seu futuro. (Cassidy, 1999, Soares, 2009).

Após a Segunda Guerra Mundial, observou que as crianças que tinham perdido ou sido separadas das suas figuras maternas, apresentavam elevadas oscilações emocionais, uma elevada dependência e dificuldade em relacionarem-se com os outros (Machado, 2009). Foram identificadas três fases, que descrevem os comportamentos desenvolvidos pelas crianças, em função da separação e/ou privação dos cuidados da figura de vinculação. Essas fases, conhecidas como, o protesto, o desespero e a desvinculação, desempenham um papel crucial na compreensão dos efeitos psicológicos desencadeados por tais situações. Durante a fase do protesto a criança demonstra comportamentos de angústia, choro triste, que pode decorrer durante horas ou dias quando a figura de vinculação se encontra ausente. Recusa a aproximação de outras figuras alternativas, estando numa constante procura da sua figura de vinculação. Na fase do desespero os sentimentos que a criança mais demonstra é a apatia e o isolamento, sendo a intensidade do seu choro mais baixa e a procura da sua figura de vinculação também. Por fim, na fase de desvinculação, a criança aceita a aproximação de outras figuras alternativas e interage com estas. Quando a sua figura de vinculação reaparece, a criança demonstra indiferença, distância e rejeição. (Soares, 2009).

Outros investigadores, como Konrad Lorenz (1935), através das suas experiências, relacionadas com o *imprinting* nos gansos, constatou que a formação do

vínculo afetivo, não se encontra relacionado com a alimentação, mas sim com o sentimento de segurança. Harry Harlow, observou a espécie animal, macacos *Rhesus*, tendo constatado que as crias Rhesus, procuravam as mães de pano, em vez das mães de arame, mesmo sendo estas últimas a oferecer o alimento. Percebeu-se que a necessidade do contacto, ocorria apenas entre as mães de pano e as crias, considerando-as como a base segura, permitindo-lhes assim regressar para junto destas quando colocados em situações de perigo.

Desta forma e de acordo com Bowlby, a vinculação é caracterizada como o laço emocional, perdurável entre o bebé e os seus cuidadores, sendo estes as suas figuras de vinculação. Para que o bebé possa explorar o mundo é importante sentir que as suas figuras de vinculação lhe proporcionam segurança confiança, proteção e conforto, e ao mesmo tempo quando confrontado com situações de maior adversidade ou perigo, regressem com o intuito de receberem conforto e afeto. (Rebello et al., 2012).

3.4.2.1.3. Modelos Internos Dinâmicos da Vinculação

O comportamento de vinculação é caracterizado por um conjunto de sistemas que permite à criança manter as memórias da sua figura de vinculação quando esta não se encontra presente. O seu desenvolvimento ocorre por volta dos nove meses, sendo visível na criança a sua resistência quando é deixada por um período longo com alguém que lhe é estranho. Para além de estar a desenvolver representações da sua figura de vinculação, formando um modelo interno desta, a criança está também a formar um modelo de si própria.

Os Modelos Internos Dinâmicos (MID; Bowlby, 1980), são construídos com base nas experiências que a criança partilha com aos seus cuidadores. Estas interações

permitem à criança, construir representações de como devem interagir com o mundo que as rodeia. Quando a base dessas experiências, consistem em elementos como a segurança, o apoio, o amor e o afeto, a criança tendem a desenvolver representações internas positivas sobre si e os outros. Somente contribui para uma autoestima mais robusta, como também para uma autoconfiança positiva, que serve como recurso emocional para situações desafiadoras que eventualmente poderá enfrentar.

Contrariamente, quando a criança é exposta a situações de abuso ou negligência, o desenvolvimento das representações internas tende a ser mais adverso, podendo desencadear inseguranças nos relacionamentos interpessoais e uma baixa autoestima

Para a fundamentação destes modelos é crucial, que a criança compreenda antecipadamente a qualidade da disponibilidade e responsividade da sua figura de vinculação (Bowlby, 1973/1993; Veríssimo et al., 2005).

A percepção que a criança tem de si, contribui para o desenvolvimento de uma autoconfiança sólida, inculcando nela a crença de que é digna de afeto e atenção. Além disso, a percepção que desenvolve a respeito das figuras significativas, sendo estas indivíduos cuidadores e protetores, permite que a criança obtenha uma visão positiva do mundo, capacitando-a para lidar com futuros desafios (Veríssimo et al., 2005). A criança começa a apresentar comportamentos mais orientados e intencionais, por consequência do desenvolvimento das capacidades cognitivas. Esta transição é fundamental no desenvolvimento, visto que, gradualmente é visível na criança uma compreensão das condições e necessidades que requer atingir os seus objetivos.

A mudança de comportamento, de acordo com os Modelos Internos Dinâmicos, encontra-se relacionada com o desejo que a criança tem em manter a proximidade com as suas figuras de vinculação, até mesmo quando estas se encontram ausentes fisicamente.

A criança compreende que a ausência da figura não é definitiva, permitindo assim o desenvolvimento de estratégias para atrair novamente o contacto com as suas figuras de vinculação (e.g., sorrir, chorar, gatinhar, agarrar). Desta forma, interpreta-se a ativação dos Modelos Internos Dinâmicos, como a necessidade que criança exprime em se sentir segura (Veríssimo et al., 2005).

Desta forma, os Modelos Internos Dinâmicos, englobam as representações mentais que os indivíduos têm de si e dos outros, em função de elementos cognitivos e afetivos que auxiliam a atribuir significados aos eventos e a orientar futuramente o seu comportamento (Veríssimo et al., 2005). Não devem ser considerados imutáveis ou inertes, ao contrário, gradualmente podem sofrer uma evolução, à medida que surgem novas e diversas relações e acontecimentos ao longo de todo o ciclo vital (Veríssimo et al., 2005).

3.4.2.1.4. Vinculação na Infância

A criança através do contacto e das partilhas com a figura de vinculação, vai construindo as suas próprias representações. Estas representações englobam a forma como define a sua individualidade e o mundo que a rodeia. Vínculos precoces estabelecidos entre o bebé e a sua figura de vinculação permitem a proximidade entre ambas e a manutenção de contacto (Bowlby, 1973). O estabelecimento dos vínculos, inicia-se quando a figura de vinculação reconhece e satisfaz de forma adequada e segura as necessidades do bebé, sejam elas sociais, físicas ou emocionais (Campbell, 2002).

Em 1978, Mary Ainsworth, contribuiu fundamentalmente, para a evolução da Teoria da Vinculação. A psicóloga norte-americana, em 1954, mudou-se para África, acompanhada pelo seu marido que teria sido convidado para trabalhar no Instituto Oeste de África de Investigação Social em Kampala, Uganda. Em Uganda, teve a oportunidade

de observar e analisar, as relações de vinculação mães e os respectivos bebês no seu ambiente natural, assim como a existência de diferenças culturais no desenvolvimento desta ligação emocional. Com o objetivo de avaliar a vinculação em contexto relacional, ou numa situação de stress, criou um procedimento laboratorial combinado, denominado por *Situação Estranha*. A experiência laboratorial, consistiu em observar o comportamento das crianças com idades compreendidas entre os 12 e 18 meses, aquando de uma curta separação da sua figura materna. Os objetivos primordiais da experiência, compreendia identificar as dissemelhanças no modo como as várias crianças lidavam com o afastamento da sua figura de vinculação e a avaliação da ansiedade sentida quando a única figura presente era um indivíduo que não lhe era familiar (Ainsworth, 1989; Bretherton, 1992).

Baseado nas suas observações, delineou três padrões de vinculação entre a mãe e a criança, o padrão inseguro-evitante, seguro e inseguro-ansioso/ambivalente.

A vinculação segura, está associada a crianças que demonstram ser ativas e dinâmicas nas brincadeiras e, após uma breve separação da sua figura materna, procuram o contacto, permitindo-se confortadas. Desenvolvem uma base sólida para lidar com as suas emoções, estabelecem mais facilmente relacionamentos saudáveis e a resiliência perante situações de maior desafio é mais significativa. Para além disso, estas crianças demonstram-se abertas a receber conforto de outras figuras que não sejam as figuras cuidadoras.

Por outro lado, quando a vinculação é prejudicada, seja por abuso, separação ou negligência, as crianças podem desenvolver uma menor capacidade para regular as suas emoções, para lidar com situações geradores de *stress* e apresentam dificuldade no estabelecimento de relacionamentos saudáveis. Nestes casos, é sensivelmente mais

elevado, o desenvolvimento de padrões comportamentais desviantes, como a impulsividade, a desconfiança para com os outros, a agressividade e a dificuldade de vinculação ao longo da vida (Ainsworth et al., 1978; Soares, 2009).

Quando se verifica este desajuste, a vinculação estabelecida entre as crianças e as suas figuras cuidadoras, pode ser considerada insegura-evitante ou insegura-ansiosa. No caso da vinculação insegura-evitante, as crianças após uma curta separação da mãe, evitam a figura materna aquando do seu regresso, pois não sentem que a mãe seja uma base de proteção e suporte. Na vinculação insegura – ansiosa, as crianças demonstram incerteza entre a procura do contacto com a figura materna e a resistência comportamental ao contacto por parte da figura de vinculação com a criança. Esta procura ativa, pode ter como consequência o impedimento da exploração do meio onde a criança se encontra inserida. Para além do evitamento, estas crianças podem desenvolver sentimentos de irritação ou de indiferença ((Ainsworth et al., 1978; Soares, 2009).

A experiência de Ainsworth (1978) não se limitou à observação limitada num determinado contexto, juntamente com os seus colaboradores, Ainsworth, visitava periodicamente as crianças, com o objetivo de também as observar durante o seu primeiro ano de vida. Para além dos padrões de vinculação estabelecidos, verificou que o tipo de vinculação estabelecido entre a mãe e o bebé, no primeiro ano, estaria relacionado com a qualidade da relação com a mãe nos dozes meses anteriores. Desta forma, mães que se encontram disponíveis e responsivas beneficiam vinculação mais seguras, mães que se comportem de forma contrária, ou seja, não disponíveis e não responsivas, beneficiam vinculações evitante. Mães instáveis, beneficiam vinculações ansiosas/ambivalentes.

Posto isto, a qualidade da vinculação demonstra ser uma variável bastante influenciadora para o desenvolvimento e funcionamento da criança, abrangendo aspetos como a autoestima, sociabilidade e competências cognitivas (Crittenden & Landni, 2011).

3.4.2.1.5. Vinculação no Adulto

John Bowlby (1973), procurou estudar a relação das crianças com as suas figuras de vinculação na fase da infância, dando origem à Teoria da Vinculação. Através desta teoria, autores como Hazan e Shaver (1987) e Marinus van IJzendoorn (1995), respetivamente, procuraram explicar a vinculação nas relações amorosas e nas relações entre pais e filhos, mais concretamente na fase da adolescência e na fase adulta

No caso da vinculação adulta, o sistema de vinculação ocorre de forma idêntica ao sistema de vinculação na infância, uma vez que a procura de sentimentos, como a segurança e o conforto continua a ser predominante em ambas. O que difere nestas relações em comparação às relações de idade precoce, é o facto de estas se estabelecerem entre os pares, e onde a sobrevivência não é um elemento primordial, tal como ocorria nas relações da infância, mas sim a reciprocidade. Para além de se procurar a segurança e o conforto, procura-se também proporcionar esses sentimentos ao outro (Shaver & Mikulincer, 2004).

Efetivamente, a qualidade das relações estabelecidas na infância, influenciam a forma como os indivíduos se relacionam com o mundo e com outros indivíduos nas diferentes fases da sua vida. Os modelos internos aprendidos e utilizados na fase da infância, servem como orientação para as perspetivas e para os comportamentos de novas relações (Soares, 2009).

3.4.2.1.6. Vinculação Romântica

Nas relações amorosas, o jovem adulto, procura o apoio emocional, o afeto, a segurança e a confiança, no seu par romântico. Hazan e Shaver (1987), defendem que as escolhas dos parceiros românticos estão diretamente relacionadas com as experiências de vinculação com os pais/figuras de vinculação precoces (Mikulincer & Shaver, 2012).

Os relacionamentos amorosos vão-se construindo e com eles crescem os sentimentos de disponibilidade, sensibilidade, intimidade, comunicação, resolução de conflitos e confiança no par romântico. A vinculação adulta pode ser segura, ou insegura, sendo que esta última abrange dois tipos, o evitante e ansioso/ambivalente.

No caso, da vinculação insegura ansiosa, o comportamento dos indivíduos nas suas relações é de dependência, ansiedade e de desconfiança. A dificuldade na regulação das emoções pode fazer com que estes indivíduos estejam mais propensos a apresentar sintomas de medo, ansiedade e solidão, avaliando as suas relações, os seus parceiros e si próprios de forma negativa, o que tendencialmente prejudica toda a dinâmica relacional (Simpson & Rholes, 2017). A existência de representações negativas é muito comum nestes indivíduos, acreditando que não são dignos de amor e o receio de serem rejeitados ou abandonados caracteriza-se como uma ameaça diária para o seu bem-estar. Perante uma situação de ameaça ou perceção negativa ao relacionamento, estes indivíduos tentam através de estratégias conseguir a segurança e a proximidade excessiva com o parceiro. Esta procura é resultado da ativação do sistema de vinculação, tendo como efeitos negativos a redução da consciência e da atenção dos indivíduos, prejudicando-os negativamente nas tomadas de decisões e regulação das emoções (Mikulincer & Shaver, 2003; Altin & Terzin, 2010).

Ao contrário do estilo de vinculação ansioso, no estilo de vinculação evitante, os indivíduos procuram a independência e o distanciamento emocional dos parceiros românticos, duvidando sempre das intenções destes. A comunicação deficitária, a falta de afeto e o desconforto com a intimidade (Wei, Vogel, Ku e Zakalik, 2005), são também uma agravante para o equilíbrio destas relações amorosas (Shaver & Mikulincer, 2014). Quando confrontados com ameaças ou problemáticas no seu relacionamento, tendem a distanciarem-se da relação e a suprimir as emoções (Mikulincer & Shaver, 2007). É crucial referir que a vinculação evitante não significa necessariamente que estes indivíduos não desejem estabelecer conexões emocionais, apenas apresentem uma maior dificuldade para lidar com a intimidade e vulnerabilidade emocional exigida nas relações (Shaver & Mikulincer, 2014).

Posto isto, a literatura demonstra que os indivíduos com estilos de vinculação ansioso e evitante apresentam menor satisfação nos seus relacionamentos, dificuldades na comunicação e maior propensão de conflitos interpessoais (Shaver & Mikulincer, 2014).

Nas relações amorosas onde o estilo de vinculação dos indivíduos é seguro, predomina o conforto, a confiança e a segurança. Esta satisfação relacional atua como papel mediador da relação romântica, visto que proporciona emoções de bem-estar, felicidade e interesse na exploração das necessidades emocionais dos seus parceiros, o que conseqüentemente faz com a prevalência de sintomas depressivos ou ansiosos, seja muito menor (Altin & Terzin, 2010). Existe, portanto, uma maior disponibilidade e facilidade destes indivíduos para regular as suas emoções, sem que estas os dominem, perante situações de maior *stress* apelam aos seus recursos internos e às suas figuras de vinculação com o objetivo de serem reconfortados (Riggs, et al., 2002).

A vinculação insegura influencia diversos parâmetros das relações amorosas, sendo a satisfação sexual um deles. Estes dois aspetos encontram-se inteiramente associados, pois a vinculação insegura pode fazer com que os indivíduos desenvolvam sentimentos e pensamentos negativos no momento da interação sexual com os seus parceiros. A preocupação excessiva de agradar o outro sexualmente e o medo sentido relativamente à intimidade durante o ato sexual contribui para que os níveis de satisfação sexual sejam menores. Para os dois estilos de vinculação insegura, ansioso e evitativo, existem diferenças em relação à satisfação sexual (Gewirtz-Meydan & Finzi-Dottan, 2018).

No estilo ansioso, os indivíduos de modo geral, experienciam sentimentos e emoções como, o medo de serem rejeitados e uma elevada expectativa de conexão emocional e física com os seus parceiros. Estes pensamentos padronizados, podem afetar o ambiente e a capacidade de aproveitar pacificamente os encontros sexuais, demonstrando uma elevada dificuldade de concentração nas sensações corporais e eróticas durante o ato sexual. A diminuição desta capacidade, resulta na reduzida satisfação sexual, levando os indivíduos a implementarem barreiras no que toca à intimidade (Gewirtz-Meydan & Finzi-Dottan, 2018; Mark et al., 2018).

No estilo evitativo, o receio sentido é distinto do estilo ansioso. Neste caso, os indivíduos sentem receio de se envolverem emocionalmente e de se tornarem dependentes do outro, o que conseqüentemente prejudica a capacidade de vivenciar a intimidade de forma satisfatória, influenciando a satisfação sexual (Birnbaum, 2015).

3.4.2.1.7. Vinculação e Comportamentos de Infidelidade

A vinculação tem sido considerada um fator crucial na compreensão dos envolvimento extraconjugais. No final da adolescência, início da idade adulta, os modelos internos dinâmicos de vinculação podem sofrer alterações, visto que é nestas fases que se começam a estabelecer novas relações, principalmente as relações amorosas. Neste período, o apoio emocional, o afeto, a segurança e a confiança são alguns dos valores que os indivíduos tencionam encontrar nos seus parceiros românticos. Estas novas relações, permitem os indivíduos o estabelecimento de novas ligações afetivas com os seus parceiros, que tal como defendem Hazen e Shaver (1987) o amor romântico caracteriza-se como um processo de vinculação (Mikulincer & Shaver, 2012). Os estilos de vinculação ajudam a compreender a propensão para a infidelidade. Os indivíduos com apresentem um estilo de vinculação segura demonstram menos probabilidade em se envolverem com outras pessoas exteriores aos seus relacionamentos. Isto deve-se à confiança que estes indivíduos atribuem aos seus parceiros e si mesmos, e à segurança e conforto que as suas relações oferecem.

O contrário, ocorre nos indivíduos que demonstram conter uma vinculação insegura, a probabilidade de se envolverem em casos extraconjugais é muito superior.

Os indivíduos com estilos de vinculação insegura evitam a intimidade emocional e o contacto sexual a longo prazo. Em comparação aos indivíduos com estilo de vinculação seguro, iniciam a sua vida sexual muito mais cedo, na tentativa de preencherem algum vazio, ou se sentirem desejados por alguém. Mais concretamente o estilo ansioso, procura nessas relações a valorização e o desejo através dos seus parceiros. De forma geral, estes indivíduos não conseguem apreciar as suas relações de forma positiva, o que faz com se instale uma confusão ao nível dos seus sentimentos e emoções, sendo que por um lado apreciam e necessitam da componente afetiva, mas por outro não

conseguem manter essas relações por muito tempo. O estilo evitante evita qualquer tipo de contacto emocional, procurando apenas relações sexuais casuais. Estes indivíduos encontram-se mais recetivos ao envolvimento sexual extraconjugal, devido a ausência de sentimentos de afeto e intimidade (Gentzler e Kerns, 2004).

3.4.2.2. Autoestima

3.4.2.2.1. O conceito de autoestima

Os indivíduos ao longo do seu ciclo vital, vão estando expostos a várias situações e contextos sociais, familiares e entre os pares, gradualmente vão moldando a sua maneira de estar e ser (Plummer; 2012). Rosenberg (1965), defende que a autoestima vai sendo desenvolvida através dessas exposições, permitindo aos indivíduos avaliarem e compararem os seus comportamentos para com os outros. Desta forma, trata-se da imagem que o indivíduo cria de si próprio e do sentimento de valor próprio (Anaut, 2005).

A autoestima, manifesta-se dicotomicamente, sendo baixa ou elevada. Quando considerada elevada, é perceptível nos indivíduos sentimentos de bem-estar e respeito, de satisfação e aceitação de si próprio, desejo de melhorar e evoluir enquanto ser humano e reconhecimento das suas limitações. Contrariamente, quando esta é baixa, a presença de infelicidade, insatisfação consigo mesmo, rejeição e sentimento de inutilidade e desprezo por si próprio, são recorrentes (Brown & Marshall, 2006; Burns, 1979; Hhutz & Zanon (2012).

A baixa autoestima nos indivíduos, é uma questão que cada vez mais, procura os investigadores e clínicos, visto que se encontra associada a sintomas de tristeza, desesperança, depressão e suicídio.

3.4.2.2. Autoestima e as Relações Amorosas

A autoestima, para além de interferir em vários contextos da vida diária dos indivíduos, influencia o modo como se comportam nas suas relações interpessoais. No caso das relações amorosas, a autoestima demonstra ser fundamental no modo e com quem os indivíduos se relacionam e vinculam. O grau em que esta se encontra, vai influenciar a escolha do par amoroso, visto que, normalmente se verifica que os indivíduos que possuem de uma elevada autoestima, apresentam uma tendência mais elevada para sentirem que são merecedores de algo mais grandioso e atraente. Quando a autoestima se encontra num nível mais baixo, os sentimentos são contrários, para além de se verificar uma menor exigência na escolha dos seus pares românticos, os indivíduos sentem que não são dignos do amor e carinho recebido (Brown & Marshall, 2006; Burns, 1979; Hhutz & Zanon, 2012).

3.4.2.3. Autoestima e Infidelidade

A infidelidade é amplamente considerada uma quebra irreversível, sendo apontada atualmente como uma das principais causas do término conjugal (Zordan & Strey, 2011). Aquando da formação do casal, ambos os parceiros idealizam a construção de uma família saudável, repleta de objetivos e planos positivos para o futuro. No entanto, se essa felicidade for afetada por um caso extraconjugal, todos essa idealização pode ficar comprometida. A infidelidade é percebida como um comportamento nocivo e prejudicial, que provoca sofrimento principalmente à pessoa que foi traída (Costa & Cenci, 2014). Segundo Rogozinki, Motta e Lobo (2010), o traído tem tendência a gerar sentimentos de ódio, abandono, vitimização e tristeza, afetando a comunicação e conduta do casal. Para além de todos estes sentimentos negativos sentido pelo indivíduo traído, também a sua

autoestima pode ser posta em causa (Bozovan & Schmiedeberg, 2022). (Horta & Daspett, 2010).

Embora não seja tão comum a exploração da perspetiva do indivíduo que trai, Merolla (2008), considera crucial essa análise, pois permite obter uma visão mais alargada das implicações da infidelidade e de que forma estes indivíduos também podem sofrer. Culpa, raiva ou vergonha, são algumas das emoções sentidas pelos indivíduos que percebem que agiram de forma desadequada para com os seus parceiros, (Fife, et al., 2008). Para além, de terem quebrado a exclusividade implementada no início da relação amorosa, os traidores experienciam um sofrimento muito intenso, principalmente se o seu ato for imperdoável pelo seu parceiro (Fife, et al., 2008). Contrariamente, em alguns casos, como defesa pessoal, desvalorizam as suas ações, desresponsabilizando-se do ato cometido, reduzindo assim o impacto emocional negativo (Thompson & O'Sullivan, 2017).

De acordo com a Teoria da Vinculação, os indivíduos com uma baixa autoestima, são mais propensos a negar as suas necessidades e sentimentos o que promove o crescimento da vulnerabilidade e insegurança na relação, que por consequente pode levar o indivíduo a trair o seu companheiro, como forma de compensar a sua carência (Sattler, Costa & Silva, 2017).

3.4.3. Factores relacionais

3.4.3.1. (In)Satisfação Conjugal

Partilhar desejos, sonhos, necessidades físicas e emocionais, assim como sentir-se respeitado e amado é algo que muitos desejam. Os relacionamentos íntimos são considerados um aspeto primordial da vida adulta, em que sua qualidade terá implicações

a nível da autoestima, confiança e saúde mental, física e profissional dos indivíduos. Fatores como a alegria, a harmonia, o bem-estar, o prazer, a privacidade, a intimidade emocional e física, são imprescindíveis para a construção de um relacionamento. Diferenças, semelhanças e complementaridades são também elementos característicos da conjugalidade, que permitem avaliar subjetivamente a relação conjugal de cada indivíduo. Sabe-se que a fase inicial de qualquer relação passa por uma construção, onde se traça e planeia sonhos e objetivos com base nas suas realidades atuais, sendo por isso, uma fase de um envolvimento emocional bastante significativo entre os cônjuges. É importante compreender que a conjugalidade, não se restringe apenas às fases de planeamento e construção, mas si a todo um conjunto de comportamentos e ações que vão ocorrendo ao longo da relação, que poderão auxiliar no estabelecimento de um padrão. As circunstâncias desafiadoras que um casal enfrenta conferem-lhe uma maior habilidade no estabelecimento de limites perante a interferência de influências externas, permitindo o reforço da resiliência e a promoção de uma consolidação de laços afetivos entre o casal (Sousa, 2006).

A satisfação conjugal, além de ser um conceito subjetivo, é considerada um fator indicativo da felicidade conjugal. Esta relaciona-se com as sensações e sentimentos de bem-estar, companheirismo, segurança e afeto, intimidade e conformidade entre as desejos e expectativas que ambos possuem (Logan & Cobb, 2016; McCray, 2015; Proulx, et al., 2007; Robles, et al., 2014).

De acordo com as referências de Watson (2004), a satisfação conjugal resulta da avaliação individual e subjetiva de cada membro do casal relativamente à relação, enquanto, que a qualidade conjugal é definida pela dedicação individual e conjunta na relação.

Narciso e Costa (1996), defendem que a satisfação conjugal prevalece de duas dimensões, o amor e a funcionalidade conjugal, sendo que a primeira abrange os sentimentos partilhados entre o casal, sendo a intimidade, o investimento, o compromisso e a paixão, os fatores principais. A dimensão da funcionalidade conjugal, engloba o modo pelo qual o casal estrutura a sua dinâmica perante circunstâncias relacionadas com aspetos conjugais, familiares e também externos à esfera familiar. Em cada dimensão, encontram-se presentes cinco áreas relacionadas com a relação conjugal. Na dimensão amor, encontram-se os sentimentos e a manifestação dos mesmos, a intimidade emocional, as características físicas e psicológicas, a sexualidade e por fim a continuidade da relação. No caso, da dimensão funcionalidade conjugal, estão presentes os tempos livres, os conflitos, a comunicação, a autonomia e privacidade, as funções económicas e as relações extrafamiliares (Robles, et al., 2014).

Ao longo do relacionamento conjugal torna-se essencial discernir as dinâmicas que caracterizam o casal, o que acaba por se refletir na confluência das identidades individuais. As relações conjugais são contruídas e moldadas de acordo com os objetivos e características de cada um dos elementos, envolvendo uma constante adaptação e uma dedicação ininterrupta. É natural que situações menos agradáveis e geradores de maior *stress*, como discussões ou desentendimentos ocorram durante a relação conjugal. Ambos os indivíduos que compõem a relação devem ser portadores das capacidades necessárias, que os permita mitigar as eventualidades. A comunicação, verbal ou não verbal, indubitavelmente, é um dos processos preeminentes nas relações conjugais, uma vez que, além de permitir a troca de partilhas e interesses, também desempenha um papel fundamental na superação construtiva e consciente das dificuldades que possam surgir ao longo da relação conjugal. Neste sentido, quando os membros de um casal, definem com

precisão as necessidades conjugais, oferecem suporte mútuo, comemoram as conquistas e os sucessos de ambos e adotam métodos comunicativos condizentes e positivos no enfrentamento das adversidades, tal converge para uma relação conjugal satisfatória, associada à afetividade positiva e à sensação de contentamento existencial (Logan & Cobb, 2016).

A intimidade e a satisfação sexual entre os membros do casal, são outros dois importantes preditores da satisfação conjugal. Através deles, os cônjuges encontram-se mais disponíveis para satisfazer e desejar o outro. (Baumeister & Leary, 2000).

A sexualidade define-se como a energia que motiva os indivíduos a procurar o contacto, a intimidade, o afeto e o amor. Influência os sentimentos, os pensamentos e as ações dos indivíduos e até mesmo a sua saúde mental e física (OMS, 2006). Tal como a satisfação conjugal, também a satisfação sexual é avaliada através da apreciação individual e subjetiva de cada indivíduo, relativamente às dimensões positivas e negativas relacionadas com a sua vida sexual (Neto, 2012).

Ainda que para muitos, a sexualidade seja caracterizada pela frequência com que ocorrem as relações sexuais numa relação, ou pelo prazer, ou até mesmo pela funcionalidade da vida sexual, esta vai muito além dessas atribuições. Associa-se a aspetos intrínsecos, como os psicológicos, afetivos e fisiológicos e ainda ao ambiente social e cultural onde os indivíduos se encontram inseridos (Sánchez-Fuertes, et al., 2014). São diversos os fatores considerados preditores da satisfação sexual, como a intimidade física não sexual, a intimidade emocional, a autoestima, a perceção da satisfação sexual do parceiro, o desejo sexual e a comunicação entre o casal (Sánchez, 2012). Uma comunicação permissiva e aberta, promove a assertividade sexual, uma vez que são conhecidos os desejos, sentimentos e crenças sexuais de cada um dos cônjuges

(Byers, 2011). Quando se verificam dificuldades na forma como o casal comunica entre si, a probabilidade de surgirem sentimentos negativos, como frustração ou tristeza é elevado, diminuindo assim a satisfação sexual e por consequência a satisfação conjugal (Arturo, 2006).

Os casais satisfeitos, apresentam um maior respeito pelo parceiro, demonstram-se abertos para a partilha de interesses, valorizam a dimensão sexual e compreendem os sentimentos e necessidades do outro (Norgren et al, 2004).

Posto isto, a satisfação conjugal abrange vários fatores que poderão influenciar a qualidade das relações amorosas o que consequentemente poderá levar à ocorrência da infidelidade (Previti e Amato; 2004; Blow e Hartnett; 2005).

3.4.4. Factores contextuais

A união entre dois indivíduos, remete também para a união dos grupos sociais e familiares de cada um. A rede social, é um fator que demonstra ter influência na satisfação do casal, visto que permitem o desenvolvimento de novas alianças que saudavelmente competem com os laços conjugais. Tanto a rede social como a rede familiar, são ambas avaliadoras da relação conjugal, podendo influenciar positivamente o desenvolvimento da relação, ou caso contrário podem contrapor o desenvolvimento dessa relação. Consequentemente e segundo o estudo desenvolvido por Sprecher e Felmlee (1992), constatou-se que a aprovação e o apoio por parte da rede social para o casal, fortalecia e aumentava a satisfação conjugal. Notou-se que os valores de satisfação conjugal para o sexo feminino, aumentavam quando era percebido o apoio social por parte da sua própria rede social. Contrariamente ao sexo feminino, não foram registadas diferenças significativas para o sexo masculino, tendo os autores justificado essa discrepância,

através do controlo mais ativo por parte da rede social das mulheres nas relações amorosas (Sprecher & Feilmlee, 1992).

Para além disso, a rede social oferece certeza e aprovação, aumentando as expetativas da relação e da escolha do parceiro (Sprecher & Feilmlee, 1992).

A família é também considerada um fator influenciador da satisfação conjugal. Antecedente à união de um casal, ambos os elementos provem de seios familiares com regras, comunicação, afeto, entre outros, distintos (Whitaker, 1989). Inevitavelmente, estes fatores podem influenciar a intimidade conjugal, visto que os indivíduos acabam por replicar comportamentos idênticos aos observados na relação dos seus pais. Caso os níveis de atenção, carinho e felicidade tenham sido elevados, uma forte vinculação e baixos níveis de conflitos com e entre os pais na infância, a probabilidade de os indivíduos estarem satisfeitos conjugalmente, é elevada (Larson et al., 2000; Relvas, 1996).

Tal como a rede social é um indicador de avaliação, a família também poderá influenciar a aprovação do relacionamento amoroso (Sprecher & Feilmlee, 1992).

3.5. Motivações para a Infidelidade

As motivações para a infidelidade são diversas, não existindo por isso, um motivo padrão (McAnulty & Brineman, 2007).

A literatura tem identificado vários fatores que parecem estar associados à infidelidade, incluindo a procura de novidade e diversidade, afeto e respeito, o sentimento de negligência e/ou de ausência do parceiro, baixa autoestima, a comunicação deficitária entre o casal, e o desejo de vingança (quando trair é um castigo por ter sido traído). A motivação relacionada com a componente sexual, é justificada através da procura do prazer e da novidade, enquanto a nível emocional é referida a procura do afeto e do

companheirismo, o aumento de autoestima e a vingança contra o parceiro (Scheeren, et al., 2018).

De acordo com o estudo realizado por Allen (2008) e os seus colaboradores, a infidelidade na maior parte dos relacionamentos, ocorre devido à insatisfação conjugal, que se origina pelos maus hábitos, rotinas e fraca dedicação no seio conjugal (Scheeren, et al., 2018). Segundo Barta e Kiene (2005), as principais motivações que levam um indivíduo a trair, são a motivação por insatisfação na relação, a motivação por raiva, a motivação por negligência e a motivação por sexo. As primeiras três motivações, encontram-se relacionadas com a parte emocional, enquanto a última se encontra relacionada com razões sexuais. A motivação por insatisfação e negligência são consideradas as mais recorrentes para a motivação de envolvimento extraconjugal (Barta & Kiene, 2005).

O surgimento de filhos, no seio familiar, em muitos casos reforça o compromisso do casal, o que paradoxalmente, pode realizar o efeito contrário diminuindo assim a satisfação conjugal, o que leva os indivíduos a procurarem novas relações amorosas (Blow e Hartnett, 2005b; Viegas e Moreira, 2015).

Barta e Kiene (2005), consideram que a personalidade é também um preditor do comportamento da infidelidade. Indivíduos extrovertidos, por exemplo, demonstram uma tendência mais elevada para procurar novas experiências e o risco de se aborrecerem facilmente dos relacionamentos é também elevado. Estas características podem levar os indivíduos mais extrovertidos a procurarem estímulos emocionais fora dos seus relacionamentos. O mesmo pode ocorrer com indivíduos com elevado grau de neuroticismo, pois demonstram ser mais instáveis e inseguros a nível emocional, vivenciando constantemente sentimentos de tristeza, raiva, ansiedade ou depressão.

Relativamente ao género, a infidelidade não se verifica apenas num género, mas sim em ambos. O sexo feminino em relação ao sexo masculino, demonstra predominância na infidelidade emocional e na infidelidade emocional com a componente sexual. Inversamente, o sexo masculino demonstra valores mais elevados de infidelidade por motivação sexual (Paul & Hayes, 2002; Barta & Kiene, 2005).

3.6. Consequências da infidelidade

A descoberta da infidelidade, segundo o autor Afifi e os seus colaboradores (2001), pode ocorrer de quatro modos distintos. O primeiro é descrito quando outros indivíduos contam ao traído, sem que este tenha solicitado essa informação. No caso do segundo modo, o traído descobre em flagrante o envolvimento do seu parceiro com um terceiro elemento. No terceiro modo, o traído confronta primeiramente o seu parceiro com questões relativamente à sua fidelidade, acabando este último por confirmar o envolvimento em outros casos amorosos. Por fim, o quarto modo, ocorre quando o parceiro que trai revela de forma voluntária o seu envolvimento com outros indivíduos. Após a descoberta de infidelidade, o indivíduo traído tem à sua frente, uma panóplia de questões e decisões para resolver. Uma delas passa por consentir ou não essa traição, ou seja, o traído terá de decidir se permanece na relação, ou se a termina. Foi também no estudo de Afifi (2001), que se observou que a possibilidade do indivíduo traído perdoar o seu parceiro é muito baixa, quando a infidelidade é contada por terceiros. Este facto deve-se à exposição pública a que o traído está sujeito, o que por sua vez, estimula sentimentos de raiva e vergonha, em relação ao parceiro (Gunderson & Ferrari, 2008). Além disso, existem outros fatores que também influenciam essa decisão, como é o caso, do grau ou da natureza do comportamento de infidelidade, da dedicação e do compromisso em manter o uma relação monogâmica.

De acordo com o gênero, o sexo masculino apresenta uma maior tolerância e probabilidade de perdoar o outro, quando a infidelidade é emocional e menos tolerância quando é sexual. O contrário verifica-se no sexo feminino, em que as mulheres demonstram uma menor tolerância para a infidelidade emocional e uma maior para a sexual (Shackelford, et al., 2002, Lavelle, 2013).

Geralmente, é vivido um momento de crise, caracterizado por inúmeras emoções menos positivas, como tristeza, dúvida, incerteza ou desilusão. A vivência destes sentimentos menos positivos, acarreta diversas consequências a nível emocional e psicológico, principalmente para o traído, como ansiedade, depressão, diminuição de autoestima e de confiança pessoal e sexual (Shrout & Weigel, 2018).

As referências relativamente ao bem-estar psicológico dos que foram infiéis, ainda são muito reduzidas, mas psicologicamente estes indivíduos também sofrem. Segundo o estudo de Pasini (2010), a grande maioria dos indivíduos mencionaram o ato de infidelidade como algo negativo, demonstrando sentimentos de culpa e arrependimento. Estes sentimentos podem originar pensamentos de falha, de inutilidade e desprezo para consigo próprio o que a longo prazo tende a influenciar o bem-estar psicológico destes indivíduos. Indivíduos tenham sido infiéis poderão apresentar dificuldade de perdoar o seu próprio ato, o que agrava a permanência de sentimentos menos positivos (Allen, et al, 2008). Todas estas consequências podem provocar mal-estar psicológico, originando perturbações de ansiedade ou depressivas (Pasini, 2010; Horta & Daspett, 2010; Viegas & Moreira, 2013)

Desta forma e de acordo com o estudo de Schackelford e os seus colaboradores (2002), ambos os sexos não se mostram recetivos a perdoar uma traição, principalmente se esta tiver ocorrido através do envolvimento sexual.

A infidelidade para além de colocar em risco a continuidade de uma relação, ameaça toda a essência do parceiro traído. Nesta fase, ambos os cônjuges involuntariamente ativam um conjunto de estratégias internas, tanto cognitivas como comportamentais, que lhes permite lidar com a situação de forma mais estável e pacífica. Esse conjunto de estratégias denomina-se por *coping*. Do ponto de vista cognitivista, o *coping* divide-se em dois conceitos, o *coping* voltado para o problema e o *coping* voltado para a emoção. No caso do *coping* focalizado no problema, o indivíduo tenta modificar a situação que lhe causou *stress*, através da reestruturação cognitiva ou através da comunicação e troca de opiniões ou necessidades, de modo a alcançar um consenso. No caso do *coping* voltado para a emoção, o objetivo é regular e diminuir as sensações e emoções desagradáveis associadas ao *stress*, através de atividades ou comportamentos que se possam incutir no quotidiano dos indivíduos (Folkman e Lazarus, 1980; Antoniazzi, Dell’Aglia, & Bandeira, 1998). A rede social, foi também considerada um elemento crucial no enfrentamento de situações de *stress*, visto que os indivíduos procuram apoio e conforto dos que se encontram mais próximos, tendo sido apresentada uma terceira estratégia focada nas relações interpessoais. O impacto das consequências pode ser minimizado quando os indivíduos percebem o apoio disponível (Antoniazzi, et al., 1998).

CAPÍTULO II: ESTUDO EMPÍRICO

1. Objetivos e Questões de Investigação

O presente estudo tem como objetivo principal compreender quais são os preditores da infidelidade e os efeitos da infidelidade no seio das relações amorosas. Desta forma, este estudo tem como objetivos específicos:

- Compreender se existem diferenças entre sexos no que toca à infidelidade.
- Compreender as motivações dos indivíduos para a infidelidade no seio da sua relação amorosa e se existem diferenças na motivação para a infidelidade sexual e para a infidelidade emocional.
- Compreender se a vinculação pode ser um fator preditor para a traição sexual e traição emocional.
- Compreender de que modo a satisfação conjugal pode ser um fator preditor da infidelidade.
- Compreender de que modo a infidelidade pode afetar a saúde mental de quem trai.
- Compreender se após uma traição os indivíduos permanecem ou não na relação amorosa.
- Compreender de que forma a infidelidade pode influenciar a autoestima do indivíduo que cometeu infidelidade e do indivíduo que foi traído no seio da sua relação amorosa.

- Compreender se os indivíduos recorrem a estratégias de *coping* para lidar com a infidelidade e quais são essas estratégias.

2. HIPÓTESES

De acordo com a revisão da literatura apresentada foram definidas oito hipóteses de investigação.

1. Hipótese 1 (H₁): Espera-se que a infidelidade seja um comportamento mais predominante no sexo masculino do que no sexo feminino.
2. Hipótese 2 (H₂): Espera-se que a motivação para a infidelidade sexual seja superior no sexo masculino e a infidelidade emocional seja superior no sexo feminino.
3. Hipótese 3 (H₃): Espera-se que os indivíduos com estilo de vinculação evitante apresentem uma maior probabilidade de se envolverem sexualmente com outros indivíduos fora da sua relação amorosa.
4. Hipótese 4 (H₄): Espera-se que uma maior insatisfação conjugal esteja associada a um maior envolvimento em relações extraconjugais.
5. Hipótese 5 (H₅): Espera-se que indivíduos que cometeram infidelidade apresentem índices de saúde mental inferiores.
6. Hipótese 7 (H₇): Espera-se que os indivíduos que cometeram infidelidade e os que sofreram a infidelidade apresentem baixa autoestima.
7. Hipótese 8 (H₈): Espera-se que os indivíduos que sofreram infidelidade recorram a determinadas estratégias de coping para superar a situação.

3. Método

O presente estudo, consiste numa investigação de carácter empírico, tendo sido utilizados instrumentos de natureza quantitativa.

3.1. Participantes

A amostra é constituída por 101 participantes, todos eles estudantes do Ensino Superior. Em média, os participantes têm 21 anos ($DP = 1.52$, [20-24 anos]), sendo 84 do sexo feminino (83.2%) e 17 do sexo masculino (16.8%). A grande maioria dos participantes é solteiro (94.9%), havendo apenas 5 casados ou em união de facto (4.9%%). Em relação às habilitações literárias, 88 indivíduos frequentam uma licenciatura (87.1%) e 13 um mestrado (12.9%).

Tabela 1
Caraterização da amostra

Dados sociodemográficos	N	%
Sexo (n=101)		
Masculino	17	16.7
Feminino	84	82.4
Estado civil (n=101)		
Solteiro(a)	94	94.9
Casado(a) ou União de facto	5	4.9
Habilitações literárias (n=101)		
Licenciatura	88	86.3
Mestrado	13	12.7

Nota. N= Frequência absoluta; % = Frequência relativa

Como principais requisitos para a participação no estudo, os indivíduos teriam de ter idades compreendidas entre os 20 e os 24 anos, de forma a serem considerados jovens adultos, como se encontra definido pela Organização Mundial de Saúde (WHO, 1986). Além disso, estes jovens adultos teriam de frequentar algum grau do Ensino Superior, visto que a população alvo eram jovens adultos em contexto académico.

A amostra foi dividida em três grupos, nomeadamente o grupo infieis, grupo traídos e o grupo de controlo, que englobam os indivíduos que não foram traídos, nem foram infieis com os seus parceiros. De acordo com os valores obtidos, e como se encontra apresentado na Tabela 2, 10 indivíduos afirmam terem sido infieis (9,8%) e 21 afirmam terem sido traídos pelos seus parceiros (19,8%)

Os restantes 71 indivíduos, afirmam que não tiveram conhecimento de qualquer tipo de traição, nem eles próprios se envolveram em relações extraconjugais (69,6%).

Tabela 2
Caracterização da amostra dos três grupos

	N	%
Total	101	100
Nem foi infiel, nem sofreu infidelidade	71	69.6
Infieis		
Sim	10	9.8
Não	91	89.2
Sofreu infidelidade		
Sim	20	19.8
Não	81	80.2

Nota. N= Frequência absoluta; % = Frequência relativa

3.2. Instrumentos de Avaliação

O protocolo de recolha de dados é constituído por um questionário sociodemográfico e por sete outros questionários, de forma a avaliar os construtos em estudo. Na Tabela 3, encontra-se os instrumentos que foram utilizados para cada grupo.

Tabela 3

Protocolo de recolha de dados

Amostra	Instrumentos
---------	--------------

Grupo Infieis	<ul style="list-style-type: none"> • Questionário Sociodemográfico • Escala de Motivação para a Infidelidade • Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal • Inventário de Saúde Mental • Escala de Autoestima de Rosenberg • Escala <i>Brief</i>- COPE
Grupo Traídos	<ul style="list-style-type: none"> • Questionário Sociodemográfico • Escala de Vinculação do Adulto • Escala de Tolerância à Infidelidade • Escala de Autoestima de Rosenberg • Escala <i>Brief</i>- COPE
Grupo de Controlo	<ul style="list-style-type: none"> • Questionário Sociodemográfico • Escala de Vinculação do Adulto • Escala de Tolerância à Infidelidade

3.2.1. Questionário Sociodemográfico

O questionário sociodemográfico tem como objetivo a caracterização de alguns elementos sociodemográficos, como é o caso do sexo, da idade, estado civil, nacionalidade e habilitações literárias. Para além destes dados, o questionário inclui perguntas de resposta fechada de forma a realizar uma análise mais detalhada contribuindo para o enriquecimento do estudo.

3.2.2. Escala de Motivação para a Infidelidade

A EMI (Versão Portuguesa de Souto, 2016), foi desenvolvida por Barta & Kiene (2005), com o intuito de avaliar as motivações intrínsecas e extrínsecas que levam os

indivíduos a comportar-se de forma infiel. É constituída inicialmente por duas questões de resposta fechada, “Em alguma relação anterior ou atual, fez um acordo de não se envolver com mais ninguém?”, “Apesar desse acordo, envolveu-se com outra pessoa durante esse(s) relacionamento(s)?” e 16 itens. Para avaliar este instrumento é utilizada uma escala de tipo *Likert* de 7 pontos, sendo, *Definitivamente não foi um motivo* = 1 e *Definitivamente foi um motivo* = 7. Encontra-se dividido em quatro dimensões a dimensão insatisfação que engloba os itens 7, 8,10, 16 e 17, a dimensão negligência que é constituída pelos itens 4, 13,15 e 18, a dimensão sexual que abrange os itens 3,5,9 e 12 e a dimensão raiva que engloba os itens 6,11 e 14.

Em relação às propriedades psicométricas, o instrumento possui uma boa consistência interna ($\alpha = 0.85$), assim como uma boa fidelidade de teste-reteste (Barta & Kiene, 2005).

3.2.3. Escala de Vinculação do Adulto (EVA)

A escala *Adult Attachment Scale-R*, construída por Collins e Read (1990) e adaptada para a população portuguesa em 1997 por Canavarro. A escala conta com 18 itens que avaliam os estilos de vinculação no adulto, mais especificamente, o estilo seguro, evitante e ansioso. Os itens são respondidos através de uma escala de tipo *Likert* de 5 pontos que varia de 1 (Nada característico para mim) a 5 (Extremamente característico em mim). A escala encontra-se dividida em 3 subescalas em que cada uma avalia uma determinada componente, a Ansiedade diz respeito ao grau de ansiedade que é sentida pelo indivíduo, mais especificamente em situações de abandono ou desprezo, o Conforto com a Proximidade dos Outros refere-se ao grau de conforto que o indivíduo sente por proximidade ou intimidade e a Confiança nos Outros, refere-se ao grau de confiança que o individuo demonstra ter nos outros. À subescala Ansiedade pertencem

os itens 3,4,9,10,11,15, à subescala Conforto com a Proximidade dos Outros, os itens 12, 1, 14, 6, 8 e 13 e à subescala Confiança nos Outros, os itens 18, 2, 16, 17, 7 e 5.

Relativamente às propriedades psicométricas a escala apresenta uma boa consistência interna ($\alpha = 0,81$) (Canavarro, Dias & Lima, 2006).

3.2.4. Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal

A Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC), foi desenvolvida por Narciso e Costa (1996), procurando explorar a satisfação conjugal através da avaliação de fatores próprios do indivíduo.

A escala contém 44 itens que se dividem nas 10 áreas relacionadas com a vida conjugal, que se encontram divididas entre as duas dimensões, a dimensão do funcionamento conjugal e a dimensão do amor. A primeira abrange áreas como a autonomia, os tempos livres, as relações extrafamiliares, a comunicação e os conflitos e as funções familiares, sendo que a segunda inclui áreas como, os sentimentos e a expressão destes, a sexualidade, a intimidade emocional, a continuidade e as características físicas e psicológicas. A cotação dos itens é realizada através de uma escala de tipo *Likert* de 6 pontos (1 – Nada Satisfeito; 2 – Pouco Satisfeito; 3 – Razoavelmente Satisfeito; 4 – Satisfeito; 5 – Muito Satisfeito; 6 – Completamente Satisfeito). Dos 44 itens, 16 são dirigidos ao casal, 14 ao outro e os restantes 14 ao próprio indivíduo. Relativamente às propriedades psicométricas, o instrumento demonstra possuir uma boa consistência interna ($\alpha > 0,90$) (Narciso & Costa, 1996).

3.2.5. Inventário de Saúde Mental

O MHI-5 é uma versão reduzida do Inventário de Saúde Mental -MHI, que fora adaptada e traduzida por Ribeiro (2011), com o objetivo de avaliar o bem-estar e o *distress*

psicológico, na população em geral e não somente nos indivíduos portadores de doença mental. É constituído apenas por 5 itens do MHI, o 11, 17, 19, 27, e 34, que representam cinco subescalas relacionadas com saúde mental, Ansiedade, Depressão, Laços Emocionais, Afeto Geral Positivo e Perda de Controlo Emocional-Comportamental. Estas cinco subescalas encontram-se agrupadas em duas dimensões que avaliam o *Distress* Psicológico e o Bem-estar Psicológico. Os itens do inventário são cotados através de uma escala ordinal em que os valores variam de 1 a 6 (1 -Sempre; 2 - Quase Sempre; 3 - A maior parte do tempo; 4- Durante algum tempo; 5 – Quase Nunca; 6 – Nunca), podendo obter uma pontuação máxima de 30 pontos, o que indica que a saúde mental dos indivíduos se encontra positiva. Relativamente às propriedades psicométricas, o inventário demonstrou uma boa consistência interna ($\alpha = 0,96$) (Ribeiro, 2011).

3.2.6. Escala de Autoestima de Rosenberg

A RSES foi desenvolvida por Rosenberg (1989) com o objetivo de avaliar a autoestima em adolescentes e adultos, tendo sido traduzida e adaptada para o contexto português por Pechorro, Marôco, Poaires e Vieira (2011). É considerada uma escala de utilização fiável visto que apresenta uma consistência interna elevada ($\alpha > 0.80$). Esta é constituída por 10 itens, sendo que os itens 2, 5, 6, 8 e 9 são de cotação invertida. Para determinar a sua cotação recorre-se ao somatório dos itens utilizando uma escala de tipo *Likert* de 4 pontos (*Discordo Fortemente* = 0; *Discordo* = 1; *Concordo* = 2; *Concordo Fortemente* = 3). A pontuação mínima é de 0 e a pontuação máxima é de 30, sabendo que quanto mais elevada for a pontuação maior será o nível de autoestima. (Pechorro, et al., 2011).

3.2.7. Escala de Tolerância à Infidelidade

Lavelle (2013), foi quem desenvolveu a *Infidelity Tolerance Scale* (ITS), com o intuito de avaliar a permanência ou a saída do parceiro(a) de uma relação amorosa após a ocorrência de uma traição (Lavelle, 2013). Traduzida e adaptada para a versão portuguesa por Domingues, Marques e Simões (2017), a escala conta com 12 itens, que procuram descrever as diferentes formas pelas quais o indivíduo pode trair e divide-se em duas subescalas, a tolerância à infidelidade emocional e a tolerância à infidelidade sexual.

A cotação dos itens é realizada através de uma escala de tipo *Likert* de 7 pontos (1- Extremamente provável deixar a relação e 7 – Extremamente provável permanecer na relação). As pontuações mínimas e máximas na escala oscilam entre 12 e 84, sendo que a pontuação mais elevada indica uma maior tolerância à infidelidade. Demonstra ser uma escala fiável, visto que apresenta uma boa consistência interna (escala total - $\alpha = 0.87$; tolerância à infidelidade emocional $\alpha = 0.73$; tolerância à infidelidade sexual $\alpha = 0.78$). (Domingues, Marques & Simões, 2017).

3.2.8. Escala *Brief- COPE*

Desenvolvido por Carver (1997) a escala *Brief Cope* tem como objetivo avaliar o *coping* nos indivíduos, sendo posteriormente adaptado e traduzido para a população portuguesa pelos autores Ribeiro e Rodrigues (2004). O instrumento no total contém 28 itens que se encontram distribuídos aos pares pelas 14 subescalas (*Coping* Ativo, Planear, Utilizar Suporte Social Emocional, Utilizar Suporte Instrumental, Religião, Reinterpretação Positiva, Auto Culpabilização, Expressão de Sentimentos, Negação, Aceitação, Auto Distração, Desinvestimento Comportamental, Uso De Substâncias E Humor). A cotação dos itens é realizada através de uma escala ordinal sendo que os valores variam de 0 (nunca faço isto) a 3 (faço sempre isto).

Apesar da sua utilização ser mais focada para grupos de indivíduos portadores de doenças crónicas, a sua aplicação é bastante versátil, revelando uma boa consistência interna, como demonstram os dados seguintes relativamente às suas subescalas: *Coping* Ativo ($\alpha=0.65$), Planear ($\alpha=0.70$), Utilizar Suporte Emocional ($\alpha=0.79$), Utilizar Suporte Instrumental ($\alpha=0.81$), Religião ($\alpha=0.80$), Reintegração Positiva ($\alpha=0.74$), Auto Culpabilização ($\alpha=0.62$), Expressão de Sentimentos ($\alpha=0.84$), Negação ($\alpha=0.72$), Aceitação ($\alpha=0.55$), (Auto Distração ($\alpha=0.67$), Desinvestimento Comportamental ($\alpha=0.78$), Uso De Substancias ($\alpha=0.81$) e Humor ($\alpha=0.83$) (Ribeiro & Rodrigues, 2004).

3.3. Procedimentos e tratamento estatístico de dados

O protocolo de avaliação irá ser administrado através da plataforma *online Google Forms*, tendo uma duração média de 20 minutos. O questionário encontrou-se disponível durante três semanas para estudantes universitários com idades compreendidas entre 20 e 24 anos. Os participantes antes de preencherem o questionário foram expostos a uma introdução, onde procurou explicar e dar a conhecer os objetivos do estudo em questão. Após a leitura dessa informação, foi disponibilizado um consentimento informado (cf. apêndice A). onde constam os pressupostos éticos, como é o caso do anonimato e da confidencialidade da identidade dos participantes e dos dados recolhidos que serão apenas utilizados para fins académicos. A participação é voluntária e por isso, os indivíduos podem optar por desistir se assim o pretenderem, sem qualquer tipo de consequência. A recolha dos dados teve início no dia 1 de Maio de 2023 e terminou a 15 de Maio de 2023.

Os instrumentos foram cuidadosamente cotados, de forma a garantir a validade dos resultados, sendo as análises estatísticas efetuadas por meio do programa informático *Statistical Package from Social Sciences (SPSS)*, versão 27.

De acordo com o tratamento estatísticos de dados, primeiramente foi analisada cuidadosamente a base de dados e procedeu-se à identificação de erros e *outliers*. De seguida foram realizadas as estatísticas descritivas, as análises das associações e as diferenças entre as variáveis. Com o objetivo de identificar possíveis preditores foram efetuadas análises de regressão linear.

4. Resultados

4.1. Resultados Descritivos

O presente estudo teve como objetivo explorar as características de: (1) indivíduos que traem, nomeadamente, as motivações para a infidelidade, satisfação conjugal, autoestima, vinculação e saúde mental, (2) indivíduos que são traídos, nomeadamente, a sua autoestima, coping e tolerância (real) à infidelidade, e (3) indivíduos que não traem nem são traídos no que diz respeito à sua vinculação e tolerância (imaginada) à infidelidade.

4.1.1. Grupo Infiéis

4.1.1.1. Dados sociodemográficos

Na Tabela 4 e 5 apresentam-se os resultados descritivos para o sexo e idade para o comportamento infiel.

Tabela 4
Medidas descritivas para o grupo infieis de acordo com o sexo

	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Total
Infiel	4	6	10

De acordo com a análise da Tabela 4, o sexo feminino revela uma maior predominância em relação ao sexo masculino, relativamente à infidelidade.

Tabela 5
Medidas descritivas para o grupo infiéis de acordo com a idade

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min-Max</i>
Idade	22.80	1.317	21-24

Como é observável na Tabela 5, foi obtido um valor médio para a idade relativamente ao grupo infiéis ($M = 22.80$, $DP = 1.317$, 21-24).

4.1.1.2. Motivação para a infidelidade (questionário)

Apresentam-se na Tabela 6, os resultados descritivos relacionados com as motivações para a infidelidade, ao nível das quatro subescalas da Escala de Motivação para a Infidelidade.

Tabela 6
Medidas descritivas para a motivação para a infidelidade

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min-Max</i>
Motivação por Insatisfação	19.30	6.832	9-31
Motivação por Negligência	19.00	5.812	9-25
Motivação por Sexo	10.10	8.062	4-28
Motivação por Raiva	5.60	5.211	3-20

Nota. M = média; DP = desvio-padrão; $Min-Max$ = Mínimo-Máximo

Verifica-se que as pontuações médias nas subescalas *Motivação por Insatisfação* ($M = 19.39$, $DP = 6.832$, 9-31) e *Motivação por Negligência* ($M = 19.00$, $DP = 5.812$, 9-25), evidenciam os valores médios mais elevados, no que diz respeito à motivação para a infidelidade dos participantes, por insatisfação no relacionamento primário ou por negligência por parte do/a parceiro/a.

4.1.1.3. Motivação para a infidelidade (resposta aberta)

Na Tabela 7 apresentam-se os resultados descritivos relativamente às motivações para a infidelidade mencionadas pelos participantes.

Tabela 7
Medidas descritivas para a motivação para a infidelidade

	N	%
A relação estava prestes a acabar e ambos estávamos desgastados	1	1%
A vida é curta	1	1%
Descobri que a minha namorada me andava a trair	1	1%
Desinteresse e falta de atenção por parte do parceiro	1	1%
Falta de afeto	1	1%
Falta de afeto	1	1%
Falta de afeto e compreensão	1	1%
Houve beijos	1	1%
Por não ter a pessoa perto de mim e ter interesse noutra pessoa	1	1%
Porque trai a confiança de outra pessoa	1	1%

Nota. N = frequência absoluta; % = frequência relativa

As motivações mencionadas pelos participantes incluem “*a vida é curta*”, “*a relação estava prestes a acabar e ambos estávamos desgastados*”, “*descobri que a minha namorada me andava a trair*”, “*desinteresse e falta de atenção por parte do meu parceiro*”, “*falta de afeto*”, “*falta de afeto e compreensão*”, “*houve beijos*”, “*por não ter a pessoa perto de mim e ter interesse noutra pessoa*” e “*porque trai a confiança de outra pessoa*”. As motivações “*falta de afeto*” foram as mais mencionadas pelos participantes, tal como é apresentado na Tabela 7.

4.1.1.4. Revelar a infidelidade

Na Tabela 8 apresentam-se as estatísticas descritivas correspondentes aos indivíduos que após terem sido infiéis, terão contado ao/à seu/ua parceiro/a o comportamento de infidelidade.

Tabela 8
Medidas descritivas para a revelação da infidelidade

	N	%
Contou ao/à parceiro/a (n=10)		
Sim	3	3.9
Não	7	6.9

Nota. N = frequência absoluta; % = frequência relativa

Como é possível analisar através da Tabela 8, dos 10 participantes que afirmaram terem sido infiéis, apenas 3 contaram aos seus parceiros acerca do envolvimento extraconjugal (3,9%).

4.1.1.5. Vinculação

A Tabela 9 regista os resultados descritivos das subescalas da Escala de Vinculação do Adulto (EVA), de acordo com as três dimensões da vinculação, *Ansiedade*, *Conforto com Proximidade* e *Confiança nos Outros*.

Tabela 9
Medidas descritivas para as dimensões da vinculação

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min-Max</i>
Ansiedade	2.91	.93	1-5
Conforto com a Proximidade	3.70	.65	2-5
Confiança nos Outros	2.96	.73	0-4

Nota. M = média; DP = desvio-padrão; Min-Max = Mínimo-Máximo

A Tabela 9 permitiu constatar que os participantes apresentam valores médios mais elevados na dimensão *Conforto com a Proximidade* ($M = 3.70$, $DP = .65$, 2-5) e

mais baixos na *Ansiedade* ($M = 2.91$; $DP = .93$, 1-5) e na *Confiança nos Outros* ($M = 2.96$, $DP = .73$, 0-4).

4.1.1.6. Satisfação conjugal

A Tabela 10 apresenta os resultados descritivos da *Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal* (EASAVIC), ao nível do score total, das áreas e das dimensões.

Tabela 10
Medidas descritivas para as dimensões e áreas da satisfação conjugal

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min-Max</i>
EASAVIC (score total)	4.40	.817	2-5
Amor (Área)	4.68	.894	4-6
Sentimentos e Expressão Sexualidade	4.58	1.103	3-6
Intimidade Emocional	5.03	.955	3-6
Continuidade	4.59	.941	3-6
Características Físicas e Psicológicas	4.50	1.390	2-6
Funcionamento Conjugal (Área)	4.63	.690	3-6
Funções Familiares	3.98	.791	3-5
Tempos Livres	3.98	.829	2-5
Autonomia	3.55	1.279	2-5
Relações Extraconjugais	4.60	.937	3-6
Comunicação e Confiança	4.10	1.128	3-6
	3.80	1.313	1-5

Nota. *M* = média; *DP* = desvio-padrão; *Min-Max* = Mínimo-Máximo

Através da análise da Tabela 10, constatou-se que os participantes apresentam valores médios no score total da escala ($M = 4.04$, $DP = .817$, 2-5), o que indica a existência de satisfação conjugal por parte dos participantes. Todas as subescalas apresentam valores médios elevados, sendo a subescala da *Sexualidade* correspondente à

dimensão do amor, a que apresenta os valores médios mais elevados ($M = 5.03$, $DP = .955$, 3-6).

4.1.1.7. Autoestima

Na Tabela 11 apresentam-se os resultados descritivos da *Escala de Autoestima de Rosenberg*.

Tabela 11
Medidas descritivas para a autoestima

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min-Max</i>
Autoestima	18.06	4.07	0-23

Nota. *M* = média; *DP* = desvio-padrão; *Min-Max* = Mínimo-Máximo

Através da análise da Tabela 11, foi possível verificar que os valores médios são consideráveis escala ($M = 18.06$, $DP = 4.07$, 0-23), constando-se que os níveis de autoestima dos participantes são positivos.

4.1.1.8. Saúde mental

Na Tabela 12 apresentam-se os resultados descritivos da *Inventário de Saúde Mental – 5*.

Tabela 12
Medidas descritivas para a saúde mental

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min-Max</i>
Saúde Mental	16.90	2.92	12-20

Nota. *M* = média; *DP* = desvio-padrão; *Min-Max* = Mínimo-Máximo

Tal como se pode observar na Tabela 12, os participantes apresentem valores médios elevados no score total da escala ($M = 16.90$, $DP = 2.92$, 12-20), o que evidencia que de modo geral a saúde mental dos participantes se encontra positiva.

4.1.2. Grupo traídos

4.1.2.1. Dados socio-demográficos

Na Tabela 13 e 14 apresentam-se os resultados descritivos para o sexo e idade para o grupo traídos.

Tabela 13

Medidas descritivas para a infidelidade de acordo com o sexo

	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Total
Infidel	5	16	21

De acordo com a análise da Tabela 13, o sexo feminino apresenta maior predominância em ter sido traído, comparativamente com o sexo masculino.

Tabela 14

Medidas descritivas para a infidelidade de acordo com a idade

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min-Max</i>
Idade	22.14	1.590	20-24

Como é observável na Tabela 14, foi obtido um valor médio para a idade relativamente ao grupo dos traídos ($M = 22.14$, $DP = 1.590$, 20-24).

4.1.2.2. Tolerância (real) à infidelidade

Na Tabela 15 apresentam-se os resultados descritivos da *Escala de Tolerância à Infidelidade*, ao nível do score total e das suas duas subescalas.

Tabela 15

Medidas descritivas para a Tolerância à infidelidade

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min-Max</i>
ITS (score total)	25.28	14.56	12-84
Tolerância Sexual	12.35	7.39	6-42
Tolerância Emocional	12.93	7.68	6-42

Nota. *M* = média; *DP* = desvio-padrão; *Min-Max* = Mínimo-Máximo

De acordo com a Tabela 15, são apresentados valores médios baixos, para o score total da escala ($M = 25.28$, $DP = 14.56$, 12-84), para a subescala *Tolerância sexual* ($M = 12.35$, $DP = 7.39$, 6-42) e, para a subescala *Tolerância emocional* ($M = 12.93$, $DP = 7.68$, 6-42), o que indica que os participantes não se demonstram recetivos a tolerar a infidelidade, seja ela praticada de forma sexual ou emocional.

4.1.2.3. Coping

Na Tabela 16 apresentam-se os resultados descritivos da *Escala Brief-COPE*, relativamente ao score total e às suas subescalas.

Tabela 16
Medidas descritivas para o Brief-COPE

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min-Max</i>
<i>Coping</i> (score total)	44.24	7.307	33-56
<i>Coping</i> Ativo	4.57	1.165	3-6
Planear	1.57	1.076	0-5
Reintegração	4.05	1.117	2-6
Aceitação	1.95	1.203	0-4
Humor	3.76	1.136	2-5
Religião	3.76	1.411	1-6
Suporte Emocional	3.86	1.108	2-5
Suporte Instrumental	1.57	.926	0-3
Auto-distração	3.67	.796	2-5
Negação	4.57	1.207	3-6
Expressar Sentimentos	2.67	1.278	1-5
Uso de Substâncias	4.19	1.504	1-6
Desinvestimento	4.10	1.136	2-6
Auto-culpabilização	2.19	.981	1-5

Nota. *M* = média; *DP* = desvio-padrão; *Min-Max* = Mínimo-Máximo

Através da análise da Tabela 16, verificou-se que o score total *Coping* apresenta valores médios elevados ($M = 44.24$, $DP = 7.307$, 33-54), assim como as suas subescalas à exceção das subescalas *Planear* ($M = 1.57$, $DP = 1.076$, 0-5) e *Aceitação* ($M = 1.95$, $DP = 1.203$, 0-4) que apresentam valores médios mais baixos.

4.1.2.4. Autoestima

Na Tabela 17 apresentam-se os resultados descritivos relativamente ao grupo de indivíduos que sofreram infidelidade durante o/os seus relacionamento/s conjugal/is.

Tabela 17
Medidas descritivas para a Autoestima

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min-Max</i>
Autoestima	18.30	2.18	0-23

Nota. *M* = média; *DP* = desvio-padrão; *Min-Max* = Mínimo-Máximo

Como se por observar na Tabela 17, o score total *Autoestima*, apresenta valores médios elevados ($M = 18.30$, $DP = 2.18$, 0-23), constando-se que os participantes que sofreram infidelidade apresentam uma boa autoestima.

4.1.3. Grupo de controlo

4.1.3.1. Dados socio-demográficos

Na Tabela 18 e 19 apresentam-se os resultados descritivos para o sexo e idade, relativamente ao grupo de controlo.

Tabela 18
Medidas descritivas para o grupo de controlo de acordo com o sexo

	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Total
Grupo de controlo	8	62	70

De acordo com a análise da Tabela 18, o sexo feminino é quem releva uma maior predominância de não ter sido infiel, nem ter sido traído, durante um relacionamento amoroso.

Tabela 19
Medidas descritivas para o grupo de controlo acordo com a idade

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min-Max</i>
--	----------	-----------	----------------

Idade	21.64	1.503	20-24
-------	-------	-------	-------

Como é observável na Tabela 5, foi obtido um valor médio para a idade relativamente ao grupo de controlo ($M = 21.64$, $DP = 1.503$, 20-24).

4.1.3.2. Tolerância (imaginada) à infidelidade

Apresentam-se na Tabela 20 os dados descritivos relativamente ao grupo de controlo.

Tabela 20

Medidas descritivas para o grupo de controlo quanto à tolerância à infidelidade imaginada

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min-Max</i>
ITS Total	26.169	15.698	12-84
Tolerância Sexual	12.704	8.054	6-42
Tolerância Emocional	13.465	8.136	6-42

Nota. *M* = média; *DP* = desvio-padrão; *Min-Max* = Mínimo-Máximo

A Tabela 20 permitiu verificar a existência de valores médios baixos para o score total da Escala Tolerância à infidelidade ($M = 26,169$, $DP = 15.698$, 12-84). As médias das subescalas apresentam valores médios entre os 12 e os 13, o que aponta para uma baixa tolerância à infidelidade.

4.1.3.3. Vinculação

Na Tabela 21 encontram-se registadas as estatísticas descritivas das subescalas da Escala de Vinculação do Adulto (EVA), correspondentes às três dimensões da vinculação: *ansiedade*, *conforto com proximidade* e *confiança nos outros*.

Tabela 21

Medidas descritivas para o grupo de controlo de acordo com a vinculação

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min-Max</i>
Ansiedade	3.014	.978	1-5
Conforto com a Proximidade	3.774	.721	2-5
Confiança nos Outros	3.056	.652	0-4

Nota. *M* = média; *DP* = desvio-padrão; *Min-Max* = Mínimo-Máximo

A análise das subescalas que avaliam as três dimensões da vinculação, demonstra a existência de valores médios mais elevados na dimensão *Ansiedade* ($M = 3.014$; $DP = .978$, 1-5), na dimensão *Conforto com a Proximidade* ($M = 3.774$, $DP = .721$, 2-5) e na dimensão *Confiança nos Outros* ($M = 3.056$, $DP = .652$, 0-4).

4.2. Estudos de Associação

Com o intuito de compreender as possíveis associações entre as variáveis do grupo infieis, foram realizadas análises correlacionais entre: (1) as variáveis associadas à motivação para a infidelidade, (2) a satisfação conjugal e a motivação para a infidelidade, (3) a vinculação e a satisfação conjugal e (4) a vinculação e a autoestima.

Para o grupo traídos, procedeu-se também à realização de análises correlacionais entre: (1) coping e tolerância à infidelidade e (2) coping e autoestima.

Tendo em conta os dados recolhidos para o grupo traídos e grupo de controlo, pretendeu-se compreender que variáveis estavam associadas à tolerância à infidelidade. Por fim, para o grupo infieis e grupo traídos, pretendeu-se compreender que variáveis estavam associadas à autoestima.

4.2.1. Grupo Infieis

4.2.1.1. *Que variáveis estão associadas à motivação para a infidelidade?*

Os resultados presentes na Tabela 22 dizem respeito às associações entre as subescalas da Escala Motivação para a infidelidade, Autoestima, Satisfação Conjugal, Vinculação, Saúde Mental e Coping, para o grupo dos infieis.

Tabela 22

Associações entre as subescalas da Motivação para a Infidelidade e a Autoestima, Satisfação Conjugal, Vinculação, Saúde Mental e Coping

M.I

M.N

M.S

M.R

Autoestima	-.304	-.123	-.018	-.602
EASAVIC (score total)	-.294	-.531	-.582	-.174
Amor (Área)	-.386	-.525	-.514	-.010
Sentimento e Expressão	-.419	-.586	-.447	-.013
Sexualidade	-.203	-.347	-.474	.022
Intimidade Emocional	-.324	-.502	-.521	.082
Continuidade	-.443	-.472	-.326	.261
Características Psicológicas e Físicas	-.386	-.381	-.542	-.688*
Funcionamento Conjugual (Área)	-.112	-.485	-.628	-.423
Funções Familiares	-.229	-.098	-.133	.274
Tempos Livres	.392	-.329	-.458	-.505
Autonomia	-.144	-.378	-.877**	-.150
Relações Extraconjugais	-.334	-.451	-.539	-.261
Comunicação e Confiança	.057	-.478	-.403	-.591
Ansiedade	.339	.191	-.021	.371
Conforto com a Proximidade	-.264	-.328	-.442	-.227
Confiança nos Outros	-.099	-.015	-.179	-.436
Saúde Mental	.141	.039	.354	.449

Nota. M.I- Motivação Insatisfação; M.N – Motivação Negligência; M.S- Motivação Sexo; M.R – Motivação Raiva

*. A correlação é significativa no nível .05 (2 extremidades).

** . A correlação é significativa no nível .01 (2 extremidades).

Através da análise da Tabela 22, verificou-se uma associação negativa significativa e forte entre subescala *Motivação raiva* e a *características psicológicas e físicas* ($r = -.688, p = .01$); uma associação negativa e forte entre a subescala *Motivação sexo* e a subescala *autonomia* ($r = -.877, p = .01$).

4.2.1.2. Será que a satisfação conjugal está associada à motivação para a infidelidade?

Na tabela 23 encontram-se apresentados os valores referentes às associações entre as subescalas da Escala Motivação para a Infidelidade e Satisfação Conjugual.

Tabela 23

Associações entre a Motivação para a Infidelidade e Satisfação Conjugual

	M.I	M.N	M.S	M.R

EASAVIC (score total)	-241	-.416	-.498	-.042
Amor (Área)	-.440	-.720*	-.518	-.278
Sentimento e Expressão	-.365	-.648*	-.461	-.034
Sexualidade	-.330	-.434	-.440	.066
Intimidade Emocional	-.260	-.375	-.395	.207
Continuidade	-.482	-.440	-.312	.253
Características Psicológicas e Físicas	-.417	-.464	-.598	-.653*
Funcionamento Conjugual (Área)	-.241	-.547	-.570	-.317
Funções Familiares	-.324	.000	-.140	.306
Tempos Livres	.254	-.415	-.522	-.529
Autonomia	-.061	-.418	-.889**	-.238
Relações Extraconjugais	-.338	-.522	-.609	-.342
Comunicação e Confiança	.042	-.478	-.313	-.607

Nota. *M.I*- Motivação Insatisfação; *M.N* – Motivação Negligência; *M.S*- Motivação Sexo; *M.R* – Motivação Raiva

*. A correlação é significativa no nível .05 (2 extremidades).

** . A correlação é significativa no nível .01 (2 extremidades).

Verificou-se através da análise da Tabela 23, a existência de uma associação significativa negativa e forte entre a área Amor e a subescala *Motivação Negligência* ($r = -.720, p = .019$); uma associação negativa e forte entre a dimensão Sentimento e Expressão e a Motivação Negligência ($r = -.648, p = .043$); uma associação negativa e forte entre a dimensão Características Psicológicas e Físicas e a Motivação Raiva ($r = -.653, p = .01$) e, uma associação negativa e forte entre a dimensão Autonomia e a Motivação Sexo ($r = -.889, p = .01$).

4.2.1.3. Será que a vinculação está associada à satisfação conjugal?

Encontram-se apresentados os valores referentes às associações entre as subescalas da Escala Vinculação e Satisfação Conjugal (cf. Tabela 24).

Tabela 24
Associações entre a Vinculação e Satisfação Conjugal

	Ansiedade	Conforto com a Proximidade	Confiança nos Outros
EASAVIC (score total)	-.360	.524	.295
Amor (Área)	-.238	.499	.361
Sentimento e Expressão	-.326	.534	.297

Sexualidade	-.056	.287	.260
Intimidade Emocional	-.053	.334	.436
Continuidade	-.433	.473	.158
Características Psicológicas e Físicas	-.527	.677*	.238
Funcionamento Conjugal (Área)	-.527	.479	.479
Funções Familiares	-.020	-.117	.700*
Tempos Livres	.216	.079	.372
Autonomia	-.025	-.677*	.055
Relações Extraconjugais	-.200	.424	.504
Comunicação e Confiança	.650*	.625	-.086

*. A correlação é significativa no nível .05 (2 extremidades).

**.. A correlação é significativa no nível .01 (2 extremidades).

Verificou-se a existência de uma associação significativa positiva e forte entre a dimensão Comunicação e Confiança e a dimensão Ansiedade ($r = .650, p = .042$); uma associação positiva e forte entre a dimensão Características Psicológicas e Físicas e a dimensão Conforto com a Proximidade ($r = .677, p = .032$); uma associação negativa e forte entre a dimensão Autonomia e a dimensão Conforto com a Proximidade ($r = -.677, p = .032$) e, uma associação positiva e forte entre a dimensão Funções Familiares e a dimensão Confiança nos Outros ($r = .700, p = .024$) (cf. Tabela 24).

4.2.1.4. Vinculação e Autoestima

Na tabela 25 encontram-se os valores referentes às associações entre as subescalas da Escala Vinculação e Autoestima.

Tabela 25
Associações entre a Vinculação e Autoestima

	Ansiedade	Conforto com a Proximidade	Confiança nos Outros
Autoestima	-.801**	-.480	.252

*. A correlação é significativa no nível .05 (2 extremidades).

**.. A correlação é significativa no nível .01 (2 extremidades).

Foi possível verificar a existência de uma associação significativa negativa e forte entre o score total Autoestima e a dimensão Ansiedade ($r = -.801, p = .005$).

4.2.2. Grupo Traídos

Foram realizadas análises correlacionais, de forma a verificar a existência de possíveis associações entre as variáveis para o grupo dos traídos, sendo estas entre: (1) a tolerância à infidelidade e o coping (2) o coping e a qualidade da autoestima.

4.2.2.1. Será que o coping está associado à tolerância à infidelidade?

A Tabela 26 encontram-se os resultados correspondentes às associações entre as subescalas da Escala Tolerância à Infidelidade e Coping, para o grupo dos traídos

Tabela 26
Associações entre a Tolerância à Infidelidade e a Coping

	Tolerância Total	Tolerância Sexual	Tolerância Emocional	
<i>Coping</i> (score total)	.289	.297	.088	
<i>Coping</i> Ativo	.024	-.054	.310	
Planear	.412	-.590**	.028	
Reintegração	.081	.019	.232	
Aceitação	.007	.003	.210	
Humor	.007	-.103	.138	*. A
Religião	.040	.029	-.303	
Suporte Emocional	.300	.211	.338	
Suporte Instrumental	.183	-.001	.090	
Auto-distração	.127	.096	.093	
Negação	.207	.174	.009	
Expressar Sentimentos	.287	.317	.121	
Uso de Substâncias	.068	.110	.227	
Desinvestimento	.293	.231	.083	
Auto-Culpabilização	.223	.364	.252	

correlação é significativa no nível .05 (2 extremidades).

** A correlação é significativa no nível .01 (2 extremidades).

Como se pode observar na Tabela 26, existe uma associação significativa negativa significativa e forte entre a subescala *Tolerância Sexual* e a subescala *Planear* da Escala *Brief-COPE* ($r = -.590, p = .019$).

4.2.2.2. Será que o coping está associado à autoestima?

A Tabela 27 encontram-se representados os resultados correspondentes às associações entre as subescalas da Escala do Coping e da Autoestima.

Tabela 27
Associações entre o Coping e a Autoestima

	C	C.A.	P	R.P.	A	H	R	S.E.	S.I.	A.D.	N	E.S.	U.S.	D	A.C.
Autoestima	.349	.515*	-.503*	-.422	-.482*	.445*	.328	.355	-.096	.235	.443*	.062	.539*	.281	-.316

Nota. C-Coping; C.A.-Coping Ativo; P- Planear; R.P.-Reintegração Positiva; A-Aceitação; H-Humor; R-Religião; S.E.-Suporte Emocional; S.I. – Suporte Instrumental; A.D. – Auto-Distração; N- Negação; E.S. – Expressar Sentimentos; U.S. – Uso de Substâncias; D- Desinvestimento; A.C. – Auto-Culpabilização; A-Autoestima

De acordo com a Tabela 27, verifica-se a existência de uma associação estatisticamente significativa entre a variável idade e cinco subescalas do coping, nomeadamente, o coping ativo, o planear, a aceitação, o humor, a negação e o uso de substâncias.

4.2.4. Grupo traídos e Grupo de controlo

4.2.4.1. Que variáveis estão associadas à tolerância à infidelidade?

Os resultados presentes na Tabela 28, dizem respeito às associações entre as subescalas da Escala Tolerância à Infidelidade, Autoestima, Satisfação Conjugal, Vinculação, Saúde Mental e Coping, no grupo traídos e no grupo de controlo.

Tabela 28
Associações entre a Tolerância à Infidelidade e a Autoestima, Satisfação Conjugal, Vinculação, Saúde Mental e Coping

	Tolerância Total	Tolerância Sexual	Tolerância Emocional		
Autoestima	-.418	-.540**	-.264		
Ansiedade	.219	.165	.259*		
Conforto com a Proximidade	-.080	-.069	-.087		
Confiança nos Outros	-.007	.032	-.044	*	A
<i>Coping</i> (score total)	.257	.271	.219		
<i>Coping</i> Ativo	.003	-.065	.055		
Planear	.400	.580**	.216		
Reintegração	.046	-.001	.078		
Aceitação	.032	.020	.038		
Humor	-.017	-.112	.060		
Religião	.031	-.034	.079		
Suporte Emocional	.251	.177	.282		
Suporte Instrumental	-.173	.003	-.293		
Auto-distração	.132	.099	.144		
Negação	.177	.152	.177		
Expressar Sentimentos	.276	.309	.221		
Uso de Substâncias	.066	.108	.026		
Desinvestimento	.271	.216	.285		
Auto-Culpabilização	.220	.362	.085		

correlação é significativa no nível .05 (2 extremidades).

** . A correlação é significativa no nível .01 (2 extremidades).

Através da análise da Tabela 28, verifica-se a existência de uma associação significativa negativa entre a *Autoestima* e a *tolerância sexual* ($r = -.540, p = .01$); uma associação positiva entre a subescala *Planear* da Escala *Brief-COPE* e a *tolerância sexual* ($r = -.580, p = .01$).

4.2.5. Grupo traídos e grupo de traidores

4.2.5.1. *Que variáveis estão associadas à autoestima?*

A Tabela 29 apresenta os resultados correspondentes às associações entre as subescalas da Escala da Satisfação Conjugal, Vinculação, Saúde Mental e Coping

Tabela 29

Associações entre a Satisfação Conjugal, Vinculação, Saúde Mental e Coping

	Autoestima	
EASAVIC (score total)	.014	
Amor (Área)	-.066	
Sentimento e Expressão	.019	
Sexualidade	-.219	
Intimidade Emocional	-.201	
Continuidade	-.030	
Características Psicológicas e Físicas	.382	
Funcionamento Conjugal (Área)	.143	
Funções Familiares	-.135	
Tempos Livres	-.205	
Autonomia	-.086	
Relações Extraconjugais	-.060	
Comunicação e Confiança	.533	
Ansiedade	.209	
Conforto com a Proximidade	-.149	
Confiança nos Outros	-.376	
Saúde Mental	-.326	
<i>Coping</i> (score total)	.349	
<i>Coping</i> Ativo	.515*	*. A correlação é significativa no nível .05 (2 extremidades).
Planear	-.503*	
Reintegração	.422	**. A correlação é significativa no nível .01 (2 extremidades).
Aceitação	-.482*	
Humor	.445*	
Religião	.328	
Suporte Emocional	.355	
Suporte Instrumental	-.096	
Auto-distração	.235	
Negação	.443*	
Expressar Sentimentos	.062	
Uso de Substâncias	.539*	
Desinvestimento	.281	
Auto-Culpabilização	-.316	

Verificou-se

através do r de

Pearson (cf. tabela 29),

a existência de uma

associação negativa significativa e forte entre a subescala *Planear* da Escala *Brief-COPE* e a *autoestima* ($r = -.503, p = .05$); uma associação negativa e moderada entre a subescala *Planear* da Escala *Brief-COPE* e a *autoestima* ($r = -.482, p = .05$); uma associação positiva e forte entre a subescala *Coping ativo* da Escala *Brief-COPE* e a *autoestima* ($r = .515, p = .05$) e, uma associação positiva e moderada entre a subescala *Humor* da Escala *Brief-COPE* e a *autoestima* ($r = .443, p = .05$).

4.3. Estudo das diferenças em função das variáveis sociodemográficas

4.3.1. Grupo dos indivíduos que sofreram infidelidade

4.3.1.1. Idade

A Tabela 30, apresenta os resultados relacionados com a correlação realizada entre as variáveis, idade e coping.

Tabela 30
Correlações entre idade e coping

	C	C.A.	P	R.P.	A	H	R	S.E.	S.I.	A.D.	N	E.S.	U.S.	D	A.C.
Idade	.337	.521*	-.489*	-.418	-.205	.352	.306	.211	-.024	.237	.502*	.049	.218	.214	-.082

Nota. C-Coping; C.A.-Coping Ativo; P- Planear; R.P.-Reintegração Positiva; A-Aceitação; H-Humor; R-Religião; S.E.- Suporte Emocional; S.I. – Suporte Instrumental; A.D. – Auto-Distração; N- Negação; E.S. – Expressar Sentimentos; U.S. – Uso de Substâncias; D- Desinvestimento; A.C. – Auto-Culpabilização;

De acordo com a Tabela 30, verifica-se a existência de uma associação significativa negativa e moderada, entre a *Idade* e subescala *Planear* ($r = -.489, p = .016$), uma associação positiva e forte entre a *Idade* e a subescala *Coping Ativo* ($r = .521, p = .025$) e, uma associação positiva e forte entre a *Idade* e a subescala *Negação* ($r = .502, p = .020$).

4.3.1.2. Habilidades Literárias

Apresentam-se na Tabela 31 a análise do Test t, que permitiu avaliar as diferenças de coping de acordo com as habilidades literárias.

Tabela 31
Diferenças nas subescalas reintegração, aceitação e suporte emocional da Escala Brief-COPE de acordo com as habilidades literárias

	Licenciatura		Mestrado		t	gl
	M	(DP)	M	(DP)		
Reintegração	3.75	(1.065)	5.00	(.707)	-2.440*	19
Aceitação	2.25	(1.183)	1.00	(.707)	2.217*	19
Suporte Emocional	3.56	(1.094)	4.80	(.447)	-3.653*	17.044

*. A correlação é significativa no nível .05 (2 extremidades).

Através da análise da Tabela 31, verificou-se a existência de diferenças significativas entre os scores médios pelo grau de licenciatura e pelo grau de mestrado relativamente às subescalas *Reintegração*, *Aceitação* e *Suporte Emocional* ($p < .05$). Em relação à subescala *Reintegração* [$t(19) = -2.440$; $p < .05$] o grau de mestrado ($M = 5.00$; $DP = .707$) apresenta valores superiores ao grau de licenciatura ($M = 3.75$; $DP = 1.065$). De acordo com a subescala *Aceitação* [$t(19) = 2.217$; $p < .05$], o grau de licenciatura ($M = 2.25$; $DP = 1.183$) apresenta valores superiores em comparação ao grau de mestrado ($M = 1.00$; $DP = .707$). Em relação à subescala *Suporte Emocional* [$t(17.044) = -3.652$; $p < .05$], o grau de mestrado apresenta valores superiores ($M = 4.80$; $DP = .447$), em comparação ao grau de licenciatura ($M = 3.56$; $DP = 1.094$).

4.3.2. Grupo dos indivíduos que cometeram infidelidade

4.3.2.1. Sexo

Na tabela 32 encontram-se apresentados os valores do Teste t, que permitem avaliar as diferenças na motivação para a infidelidade de acordo com o sexo.

Tabela 32

Diferenças na subescala motivação por sexo da escala Motivações para a Infidelidade de acordo com o sexo

	Sexo Masculino		Sexo Feminino		<i>t</i>	<i>gl</i>
	M	(DP)	M	(DP)		
Motivação Sexo	4.83	(1.169)	18.00	(7.348)	.386*	8

*. A correlação é significativa no nível .05 (2 extremidades).

Foi possível observa-se a existência de diferenças significativas entre os scores médios pelo sexo masculino e pelo sexo feminino, relativamente à *Motivação Sexo* [$t(8) = .386$; $p < .05$] sendo que o sexo feminino apresenta valores superiores ($M = 18.00$; $DP = 7.348$) em comparação ao sexo masculino ($M = 4.83$; $DP = 1.169$).

4.4. Estudo das diferenças entre grupos

4.4.1. Grupo infiéis vs. Grupo traídos

4.4.1.1. Autoestima

Na Tabela 33 encontram-se os resultados relativos às diferenças da autoestima, de acordo com a infidelidade.

Tabela 33
Diferenças na autoestima de acordo com a infidelidade

	Infiel		Traído		<i>t</i>	<i>gl</i>
	M	(DP)	M	(DP)		
Autoestima	20.00	(1.936)	18.30	(2.179)	2..007*	27

*. A correlação é significativa no nível .05 (2 extremidades).

Como se pode observar verifica-se a existência de diferenças significativas entre o grupo dos indivíduos que traíram ($M = 20.00$; $DP = 1.936$), e o grupo dos indivíduos que foram traídos ($M = 18.30$; $DP = 2.179$), relativamente à *Autoestima* [$t(27) = 2.007$; $p < .05$]. Os indivíduos que se envolvem em relações extraconjugais apresentam uma autoestima mais elevada em relação aos indivíduos que são traídos.

4.4.2. Grupo infiéis vs Grupo traídos vs Grupo de controlo

4.4.2.1. Confiança com a Proximidade

Procedeu-se à realização de uma análise de variância – ANOVA (*One-Way ANOVA*), obtendo-se os resultados referentes às diferenças na vinculação, mais concretamente com a sub-escala confiança com a proximidade, de acordo com a infidelidade (cf, Tabela 34)

Tabela 34
Diferenças na vinculação de acordo com a infidelidade

Infiel	Traído	Grupo controlo	ANOVA
--------	--------	----------------	-------

	M	DP	M	DP	M	DP	df	Z	p
Vinculação - Confiança com a Proximidade	3.17	.651	.00	.00	2.98	.660	2	10.550	.000

4.5. Estudo das diferenças no intragrupo (Grupo infieis)

4.5.1. Saúde Mental

Tabela 35

Diferenças na saúde mental de acordo com a infidelidade

	Quem contou		Quem não contou		p
	M	DP	M	DP	
Saúde Mental	19.67	.577	15.71	2.690	.008

O teste t permitiu verificar que existem diferenças significativas entre os indivíduos que contaram ao/a seu/ua parceiro/a terem cometido infidelidade e os que decidiram não contar, no que diz respeito à *Saúde Mental* [$t(3.693) = 7.112$ $p < .05$]. Quem contou ($M = 19.67$; $DP = .577$). apresenta valores superiores em comparação a quem não contou ($M = 15.71$; $DP = 2.690$).

4.6. Resultados Inferenciais

Primeiramente, pretende-se identificar os preditores do comportamento da infidelidade, sendo que, para esse efeito, foi realizada a regressão linear múltipla, tendo como intuito verificar qual se ajustava melhor (cf. Tabela 36).

4.6.1. Preditores da motivação para a infidelidade

4.6.1.1. Preditores para a motivação sexual para a infidelidade

Tabela 36

Regressão linear múltipla da motivação sexual para a infidelidade com as demais variáveis

Resumo do Modelo^c

Modelo	R^2	R quadrado ajustado	Mudança de R^2	Sig. Mudança F	F
1	.842	.763	.842	.008	10.637

a. Preditores: (Constante), Sexualidade, Saúde Mental, Autonomia

c. Variável Dependente. Motivação Sexual

Tabela 37
Preditores da Motivação Sexual

Modelo		Coeficientes padronizados		
		β	t	p
1	(Constante)		2.930	.026
	Sexualidade	.015	.056	.957
	Saúde Mental	.265	1.319	.235
	Autonomia	-.861	-3.377	.015

a. Variável Dependente: Motivação Sexual

Através da análise das Tabelas 36 e 37 foi possível verificar a existência de um modelo estatisticamente significativo [$R^2 = .842$, $F(3,6) = 10.637$; $p < .005$]. A autonomia ($\beta = -.862$; $t = -3.277$; $p = .015$) revelou ser o único preditor, explicando 84% da variância da motivação sexual para a infidelidade.

4.6.1.2. Preditores para a motivação por negligência para a infidelidade

Foi realizada novamente uma regressão múltipla linear de modo a compreender se o Sentimento e expressão, a Saúde mental, a Ansiedade e a Intimidade emocional previam a motivação por negligência (cf. Tabelas 38 e 39).

Tabela 38
Regressão linear múltipla da motivação por negligência com as demais variáveis

Resumo do Modelo^o

Modelo	R^2	R quadrado ajustado	Mudança de R^2	Sig. Mudança F	F
1	.793	.627	.793	.058	4.782

a. Preditores: (Constante), Sentimento e expressão, saúde mental, ansiedade, intimidade emocional

c. Variável Dependente. Motivação por Negligência

Tabela 39
Preditores da Motivação por Negligência

Modelo		Coeficientes padronizados		
		β	t	p
1	(Constante)		3.014	.030
	Sentimento e Expressão	-7.713	-3.515	.017
	Saúde Mental	.439	1.883	.118
	Ansiedade	-1.801	-3.041	.029
	Intimidade Emocional	6.770	3.259	.022

a. Variável Dependente: Motivação por Negligência

Através da análise das Tabelas 38 e 39 foi possível verificar a existência de um modelo estatisticamente significativo [$R^2 = .793$, $F(4,5) = 4,782$; $p < .005$].

O sentimento e expressão ($\beta = -.7.713$; $t = -3.515$; $p = .017$), a ansiedade ($\beta = -.1.801$; $t = -3.041$; $p = .029$) e a intimidade emocional ($\beta = 6.770$; $t = 3.259$; $p = .022$), são preditores da motivação por negligência, com uma variância de 79%.

4.6.2. Preditores da tolerância à infidelidade

4.6.2.1. Preditores para a tolerância sexual à infidelidade: Hipótese 1

As Tabelas 40 e 41 demonstram os resultados da regressão múltipla linear realizada para compreender se o planejar, o expressar sentimentos, o desinvestimento e autoestima previam a tolerância sexual.

Tabela 40
Regressão linear múltipla da tolerância sexual com as demais variáveis

Resumo do Modelo ^c					
Modelo	R^2	R quadrado ajustado	Mudança de R^2	Sig. Mudança F	F
1	.451	.314	.451	.038	3.290

a. Preditores: (Constante), Planejar, expressar sentimentos, desinvestimento, autoestima

c. Variável Dependente. Tolerância Sexual

Tabela 41
Preditores da Tolerância Sexual

Modelo		Coeficientes padronizados		
		β	t	p
1	(Constante)		.712	.487
	Planear	.529	2.412	.028
	Expressar Sentimentos	.275	1.432	.171
	Desinvestimento	.150	.734	.473
	Autoestima	-.091	-.397	.697

a. Variável Dependente: Tolerância Sexual

De acordo com os dados presentes nas tabelas 40 e 41 foi possível verificar a existência de um modelo estatisticamente significativo [$R^2 = .451$, $F(3,17) = 3,290$; $p < .005$]. O Planear ($\beta = .529$; $t = 2.412$; $p = .028$), é o único preditor da tolerância sexual.

4.6.2.2. Preditores para a tolerância sexual à infidelidade: Hipótese 2

As Tabelas 42 e 43, permitem demonstrar se a Autoestima prevê a tolerância sexual.

Tabela 42

Regressão linear múltipla da tolerância sexual com as demais variáveis

Resumo do Modelo^c

Modelo	R^2	R quadrado ajustado	Mudança de R^2	Sig. Mudança F	F
1	.292	.256	.292	.009	8.232

a. Preditores: (Constante), Autoestima

c. Variável Dependente. Tolerância Sexual

Tabela 43

Preditores da Tolerância Sexual

Modelo		Coeficientes padronizados		
		β	t	p
1	(Constante)		5.947	.000
	Autoestima	-.540	-2.869	.009

a. Variável Dependente: Tolerância Sexual

Verificou-se a existência de um modelo estatisticamente significativo [$R^2 = .292$, $F(4,16) = 8,232$; $p < .005$].

A Autoestima ($\beta = -.540$; $t = -2.869$; $p = .009$), é o único preditor da tolerância sexual.

5. Discussão

O objetivo principal do presente estudo visa compreender os principais preditores e efeitos da infidelidade nos relacionamentos amorosos dos jovens adultos. Foram desenvolvidas objetivos específicos e hipóteses que previamente foram discutidos conforme os resultados obtidos.

O primeiro objetivo específico pretendia compreender a existência de diferenças entre os sexos relativamente à infidelidade. Foi colocada a hipótese (H1) de forma a dar resposta a este objetivo, sendo que segundo a literatura é o sexo masculino quem mais se comporta de forma infiel nos seus relacionamentos em comparação com o sexo feminino. No presente estudo verificou-se a ocorrência do contrário, sendo a predominância do comportamento infiel no sexo feminino, não corroborando com os resultados demonstrados no estudo de Lalasz e Weigel (2011), em que são os homens que mais traem.

O segundo objetivo específico pretendeu compreender o que motiva os indivíduos a serem infiéis nos seus relacionamentos e se existem diferenças em relação à infidelidade sexual e infidelidade emocional, tendo se colocado a hipótese 2 (H2), espera-se que a motivação para a infidelidade no sexo masculino seja mais elevada pela componente sexual e para o sexo feminino pela componente emocional. Segundo os resultados obtidos verificou-se que as principais motivações para a infidelidade, são as motivações por insatisfação e negligência que se encontram relacionadas com a componente emocional (Barta e Kiene, 2005). Relativamente ao sexo, o feminino demonstrou maior motivação para a infidelidade através da componente sexual, o que não corrobora com as informações encontradas na literatura, visto que o sexo masculino é quem mais demonstra motivação sexual para a infidelidade (Kiene & Barta, 2005).

O terceiro objetivo do estudo teve em vista compreender se a vinculação poderá ser considerada um preditor para a infidelidade, tendo sido colocada a hipótese 3 (H3), indivíduos com estilo evitativo apresentam uma maior probabilidade e se envolverem sexualmente com outros indivíduos fora dos seus relacionamentos. Após uma análise minuciosa, não foram obtidos neste estudo resultados referentes a este objetivo.

O quarto objetivo específico do estudo, consistiu em compreender de que modo a satisfação conjugal pode ser um preditor para a ocorrência de infidelidade. Para este objetivo, foi colocada a hipótese 4 (H4), os indivíduos insatisfeitos conjugalmente demonstravam maior propensão para se envolverem em relações extraconjugais. Verificou-se que a motivação para a infidelidade por negligência demonstra estar relacionada negativamente com a satisfação conjugal, mais concretamente com a área Amor que é definida como os sentimentos que o casal nutre um pelo outro, tais como paixão, intimidade e compromisso (Narciso e Costa, 1996). Segundo Barta e Kiene (2005) sentimentos como estes, quando deixam de ser sentidos pelos indivíduos que se encontram numa relação amorosa, a probabilidade de se sentirem negligenciados pelos parceiros é elevada, podendo levar a uma procura de novas relações extraconjugais.

Para além disso, também se verificou uma relação negativa e forte entre a motivação por raiva e as características psicológicas e físicas, o que revela que quanto menor for a partilha sobre a opinião relativamente ao aspeto físico, características e hábitos do outro, maior a propensão para os jovens adultos justificarem a sua infidelidade por motivos de raiva. Esta motivação por raiva, pode ser vista em alguns casos como uma vingança contra o parceiro (Scheeren, et al., 2018).

O quinto objetivo específico pretendia compreender de que modo pode a infidelidade afetar a saúde mental de quem trai, tendo sido estipulada a hipótese 5 (H5),

os indivíduos infiéis apresentam valores inferiores de saúde mental. Foi possível constatar que os indivíduos que afirmaram terem sido infiéis, apresentam níveis de autoestima baixos. Estes resultados corroboram com o estudo de Pasini (2010), onde se verificou que os indivíduos que cometem infidelidade, também demonstram sentimentos negativos aquando do acontecimento desta. Sentimentos de culpa, arrependimento, inutilidade e falha com o próprio e a relação, são visíveis, nestes indivíduos influenciam assim o seu bem-estar psicológico (Allen, et al, 2008). Os indivíduos que afirmaram ter

O sexto objetivo específico consistia em compreender se após a infidelidade os indivíduos permanecem ou não na relação amorosa. Para este objetivo foi considerada a hipótese 6 (H6), os indivíduos perante uma situação de infidelidade não permaneçam na relação. Foi possível verificar que os participantes apresentam uma baixa tolerância em permanecer num relacionamento caso sejam traídos pelos seus parceiros, o que corrobora com o estudo de Shackelford, Buss e Bennet (2002), que concluiu que os indivíduos apresentam uma menor facilidade em perdoar uma traição. Outros resultados pertinentes foram analisados, como o facto de a tolerância sexual também ser pouco tolerada pelos participantes. Estes últimos resultados também corroboram com a literatura, mais especificamente com o estudo de Shackelford e os seus colaboradores (2022), visto que quando a infidelidade é através da componente sexual, a probabilidade para a aceitar e até mesmo para permanecer na relação é muito reduzida.

O sétimo objetivo específico encontra-se relacionado em compreender se a infidelidade por afetar a autoestima do indivíduo que cometeu infidelidade e a autoestima do indivíduo que sofreu a infidelidade. Para este objetivo específico, foi considerada a hipótese 7 (H7), os indivíduos que cometeram infidelidade apresentam uma baixa autoestima e os que sofreram a infidelidade apresentam também uma baixa autoestima.

De acordo com os resultados obtidos, verificou-se que ambos os indivíduos apresentam níveis de autoestima consideráveis, não sustentando por isso a hipótese 7 (H7). Além disso os estudos presentes na literatura, afirmam que os indivíduos traídos apresentam níveis de tristeza, raiva e ódio, assim como baixos níveis de autoestima (Bozovan & Schmiedeberg, 2022). O mesmo ocorre em alguns casos, em que os indivíduos que traem apresentam baixos níveis de autoestima, devido às emoções negativas sentidas depois de perceberem que agiram de forma desadequada para com os seus parceiros. Para além disso, também estes indivíduos podem apresentar baixa autoestima antes do ato da infidelidade, o que conseqüentemente influencia a confiança e a segurança do indivíduo e da relação, podendo aumentar a probabilidade destes indivíduos se envolverem com outros, a fim de compensarem algum sentimento de carência (Sattler, Costa & Silva, 2017).

O oitavo objetivo específico, teve como intuito compreender se os indivíduos traídos, terão recorridos a estratégias de *coping* para lidar com a situação. Foi estabelecida a hipótese 8 (H8) para este objetivo específico, os indivíduos que sofreram infidelidade recorreram ao planeamento estratégias de *coping* para superar a situação angustiante, sendo essas estratégias focadas no problema em si. De acordo com a literatura, quando os indivíduos utilizam o coping focado no problema, o seu objetivo é sofrer uma modificação e reestruturação cognitiva (Folkman e Lazarus, 1980; Antoniazzi, Dell’Aglío, & Bandeira, 1998).

De acordo com os dados do presente estudo, mais concretamente, no grupo infielis, verificou-se uma relação negativa forte entre a vinculação e a autoestima, o que revela que os jovens adultos, com baixa autoestima, têm tendência a serem mais vulneráveis e ansiosos, implicando uma visão mais insegura das suas relações. Essa visão, promove um

défice a nível de carinho e afeto, levando em alguns casos, ao envolvimento com indivíduos exteriores aos seus relacionamentos, com o objetivo de compensar a carência sentida (Gentzler e Kerns, 2004; Sattler, Costa & Silva, 2017).

Foram realizados modelos de regressão, para uma melhor compreensão dos construtos. O primeiro permitiu identificar apenas a autonomia enquanto preditor positivo da motivação sexual para a infidelidade.

Considerou-se a subescala ansiedade e a subescala intimidade emocional como preditores da motivação por negligência para a infidelidade. No caso da intimidade emocional, era expetável

Segundo o Modelo *Exit-voice-loyalty-neglect* (EVLN), a negligência é sentida por o indivíduo, quando há uma diminuição da intimidade emocional e do investimento no relacionamento, por parte do parceiro. A intimidade emocional é considerada um dos fatores cruciais para que o indivíduo se sinta satisfeito a nível conjugal, (Sousa, 2006), sendo que quando este é negligenciado por o parceiro a probabilidade para os indivíduos procurarem novos relacionamentos é elevada (Narciso & Costa, 1996).

Por fim, foi possível verificar que a subescala planear e a autoestima são preditores da tolerância sexual.

5.1. Limitações do estudo

Relativamente às limitações do estudo, nota-se a escassez de estudos que explorem as diversas vertentes da infidelidade, para uma melhor compreensão das suas implicações e como referência face aos resultados obtidos no presente estudo. A restrição da amostra é também apontada como uma limitação, pois o tema infidelidade muitas vezes carrega consigo uma carga social de desaprovação, o que influencia diretamente as respostas dos participantes. Essa indesejabilidade social, pode fazer com que os

participantes se sintam desconfortáveis ou relutante a partilhar abertamente as suas experiências ou opiniões sobre o tema, mesmo que seja garantido o anonimato. Esta situação, impacta a qualidade dos dados recolhidos.

5.2. Direções futuras

Seria pertinente o desenvolvimento de estudos futuros sobre a temática abordada, de forma a fornecer uma perspetiva mais abrangente da mesma, mais especificamente, uma amostra mais alargada e não tão díspar entre os sexos, relativamente às motivações para a infidelidade. Devido à indesejabilidade social ainda sentida e que de certo modo influencia os dados recolhidos, seria pertinente também realizar um estudo onde fosse permitido explorar as diversas razões da existência de tabus que envolvem esta temática.

6. Conclusão

O presente estudo teve como principal objetivo a compreensão dos preditores e das consequências da infidelidade nas relações amorosas. A sua escolha fundamentou-se principalmente na influência que a infidelidade demonstra ter nos relacionamentos, na sensibilidade e no embaraço que ainda é para alguns falar ou até mesmo viver com ela. A riqueza do seu estudo torna-se ainda mais positiva, quando se sabe que apesar de existir teoricamente uma definição que a caracterize, na prática, a sua interpretação e vivência variam de acordo com os valores e ideologias de cada indivíduo, as dinâmicas de cada casal e as circunstâncias que os rodeiam. Estes fatores ressaltam a complexidade do tema da infidelidade e a importância da perspectiva individual e relacional ao estudá-lo.

Apesar de se verificar a carência de estudos que envolvam a interação entre as variáveis em estudo, com amostras de jovens adultos, evidenciou-se a existência de diferenças relativamente à infidelidade, tendo em conta o sexo e as motivações desta. Verificou-se também a existência de uma relação entre a satisfação conjugal e a infidelidade e entre a infidelidade e a saúde mental, sendo que os indivíduos traídos apresentam baixos níveis de autoestima, influenciando assim a sua saúde mental.

Para além disso, indivíduos que hipoteticamente tivessem conhecimento de um envolvimento extraconjugal por parte de um parceiro demonstraram uma baixa tolerância em permanecer na relação, principalmente se esse envolvimento fosse a nível sexual.

Referências

- Afifi, W. A., Falato, W. L., & Weiner, J. L. (2001). Identity concerns following a severe relational transgression: The role of discovery method for the relational outcomes of infidelity. *Journal of Social and Personal Relationships*, 18, 291-308.
- Agnew, C. C. R. (2009). Commitment, theories and typologies. In H. Reis, & S. Sprecher (Eds.), *Encyclopedia of Human relationships* (.Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, Inc. Disponível em: <http://docs.lib.purdue.edu/psychpubs/28>
- Ainsworth, M. (1991). Attachments and other affectional bonds across the life cycle. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde, & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 33-51). London: Routledge. <https://www.routledge.com/Attachment-Across-the-Life-Cycle/Parkes-Stevenson-Hinde-Marris/p/book/9780415056519>.
- Ainsworth, M. S. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44(4), 709–716. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.44.4.709>.
- Ainsworth, M., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale: Erlbaum. <https://doi.org/10.4324/9781315802428>
- Allen, E. S., Atkins, D. C., Baucom, D. H., Snyder, D. K., Gordon, K. C., & Glass, S. P. (2005). Intrapersonal, interpersonal, and contextual factors in engaging in and responding to extramarital involvement. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 12, 101 - 130.
- Allen, E. S., Rhoades, G. K., Stanley, S. M., Markman, H. J., Williams, T., Melton, J., & Clements, M. L. (2008). Premarital precursors of marital infidelity. *Family Process*

- Almeida, T. D., Rodrigues, K. R. B., & Silva, A. A. D. (2008). O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos. *Estudos de Psicologia*, 13(1), 83-90.
- Anaut, M. (2005). *A resiliência: ultrapassar os traumatismos*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Antoniazzi, A. S., Dell'Aglio, D. D., & Bandeira, D. R. (1998). O conceito de coping: uma revisão teórica. *Estudos de psicologia (Natal)*, 3, 273-294. *Archives of Sexual Behavior*
- Arnett, J. (2000). Emerging adulthood: a theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55 (5), 469-480.
- Arturo, H. (2006). Estudio de correlación entre satisfacción sexual y asertividad sexual. *Archivos Hispanoamericanos de Sexologia*, 12 (2), 119-216.
- Atkins, D. C., Baucom, D. H., & Jacobson, N. S. (2001). Understanding infidelity: correlates in a national random sample. *Journal of Family Psycholog*
- Baim, C., Morrison, T., & Rothwell, B. (Collaborator). (2011). *Attachment-based practice with adults: Understanding strategies and promoting positive change: A new practice model and interactive resource for assessment, intervention and supervision*. Pavilion Publishing (Brighton).
- Barta, W. D., & Kiene, S. M. (2005). Motivations for infidelity in heterosexual dating couples: The roles of gender, personality differences, and sociosexual orientation. *Journal of Social and Personal Relationships*, 22(3), 339-360. doi:10.1177/0265407505052440
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7, 147-178.

- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 226- 244.
- Blow, A. J., & Hartnett, K. (2005). Infidelity in committed relationships II: A substantive review. *Journal of Marital and Family Therapy*, 31(2), 217-233.
- Blow, A. J., & Hartnett, K. (2005a). Infidelity in committed relationships I: A methodological review. *Journal of marital and family therapy*, 31(2), 183-216. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2005.tb01555.x>
- Boekhout, B. A., Hendrick, S. S., & Hendrick, C. (2003). Exploring infidelity: Developing the relationship issues scale. *Journal of Loss & Trauma*, 8(4), 283-306.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Vol 1. Attachment*. (Ed. 1997) London: Pimlico.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Vol 2. Separation*. (Ed. 1998) London: Pimlico.
- Bowlby, J. (1979). *The making and breaking of affectional bonds*. London: Tavistock.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Clinical applications of attachment theory*. London: Routledge.
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: Aplicações clínicas para a teoria do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bowlby, J. (2001). *Formação e rompimento de vínculos afetivos*. In *Formação e rompimento de laços afetivos* (pp. 167-223). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1977)
- Bozoyan, C., & Schmiedeberg, C. (2022). What is Infidelity? A Vignette Study on Norms and Attitudes toward Infidelity. *The Journal of Sex Research*, 1-10.
- Brand, R. J., Markey, C. M., Mills, A., & Hodges, S. D. (2007). Sex differences in self-reported infidelity and its correlates. *Sex roles*, 57, 101-109.

- Brown, J. & Marshall, M. (2006). The tree faces of self esteem. *Self esteem: issues and answers*, pp. 4-9.
- Burns, R. (1979). *The development of the self concept in psychological theory*. New York, Longman.
- Byers, E. S. (2011). Beyond the birds and the bees and was it good for you: Thirty years of research on sexual communication. *Canadian Psychology/Psychologie canadienne*, 52(1), 20-28. <http://doi.org/10.1037/a0022048>
- Canavarro, M. C., Dias, P., & Lima, V. (2006). A avaliação da vinculação do adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-R (ASS-R) na população portuguesa. *Psicologia*, 20(1), 156-186
- Claro, P. D. C., & Mota, C. P. (2019). O papel da vinculação aos pais e da regulação emocional no investimento esquemático na aparência em jovens adultos. *Atualidades em Psicologia*, 33(126), 97-116. <http://dx.doi.org/10.15517/ap.v33i126.32497>
- Collins, N. L. (1996). Revised adult attachment scale. *Behavior Therapy*.
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of personality and social psychology*, 58(4), 644.
- Costa, C. B. D., & Cenci, C. M. B. (2014). A relação conjugal diante da infidelidade: a perspectiva do homem infiel. *Pensando famílias*, 18(1), 19-34.
- Crittenden, P. M., & Landini, A. (2011). *Assessing Adult Attachment: A dynamic-maturational approach to discourse analysis*. Norton: Ne
- Domingues, A., Marques, M., & Simões, S. (2017). Estudo preliminar de adaptação e validação da Escala de Tolerância à Infidelidade.

- Drigotas, S. M., Safstrom, C. A., & Gentilia, T. (1999). An investment model prediction of dating infidelity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77(3), 509- 524.
- Fenigstein, A., & Peltz, R. (2002). Distress over the infidelity of a child's spouse: A crucial test of evolutionary and socialization hypotheses. *Personal Relationships*, 9(3), 301-312.
- Folkman, S., & Lazarus, R. S. (1980). An analysis of coping in a middle-aged community sample. *Journal of health and social behavior*, 219-239.
- Gentzler, A. L., & Kerns, K. A. (2004). Associations between insecure attachment and sexual experiences. *Personal relationships*, 11(2), 249-265.
- Glass, S. P., & Wright, T. L. (1992). Justifications for extramarital relationships- The association between attitudes, behaviors, and gender. *The Journal of Sex Research*, 29(3), 361-387.
- Goldenberg, M. (2011). *Infiel: notas de uma antropóloga*. Editora Record.
- Gomes, N. (2014). *Autoestima, autoeficácias e empregabilidade subjetiva em empregados, desempregados e estudantes do ensino superior*. Dissertação de Mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Gunderson, P. R., & Ferrari, J. R. (2008). Forgiveness of sexual cheating in romantic relationships: Effects of discovery method, frequency of offense, and presence of apology. *North American Journal of Psychology*, 10, 1-14.
- Haack, K. R., & Falcke, D. (2013). *Infideli@de.com: Infidelidade em relacionamentos amorosos me- diados e não mediados pela Internet*. *Psicologia em Revista*, 19(2), 305-327.
- Hawkins, D. e Booth, A. (2005). Unhappily ever after: affects of long-term, low quality marriages on well-being. *Social Forces*, 84, 445-465.

- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511-524. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.52.3.511>
- Hernandez, J. A. E., Ribeiro, C. M., Carvalho, A. L. N., Fonseca, R. C. T., Peçanha, R. F., & Falcone, E. M. D. O. (2017). Revisão da estrutura fatorial da escala de satisfação conjugal. *Trends in Psychology*, 25, 1977-1990.
- Horta, A. L. M. & Daspett, C. (2010). A repercussão da traição feminina na dinâmica do casal heterossexual [Resumo]. In *Resumos de Comunicações Científicas*, IX Congresso Brasileiro de Terapia Familiar (p. 122). Búzios, RJ, ABRATEF.
- Hoyle, R.; Kernis, M.; Leary, M. e Baldwin, M. (1999). Selfhood: identity, esteem,
- Hudson, W. W. (1998). Index of Sexual Satisfaction. In C. M. Davies, W. L. Yarber, R. Bauserman, G. Schreer, & S. L. Davis (Eds.), *Handbook of sexuality-related measures* (pp. 512-513). Sage.
- Hutz, C. & Zanon, C. (2011). Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg. *Avaliação Psicológica*, 10(1), pp. 41-49.
- Johnson, S. M. (2012). Introdução ao apego - Um guia terapêutico para lidar com os vínculos primários e sua renovação. In S. M. Johnson & V. E. Whiffen (Orgs.), *Os processos do apego na terapia de casal e família* (pp. 03-16). São Paulo: Roca.
- Jones, K. E., Meneses da Silva, A. M., & Soloski, K. L. (2011). Sexological systems theory: An ecological model and assessment approach for sex therapy. *Sexual and Relationship Therapy*, 26(2), 127-144.
- Kelley, H. H., & Thibaut, J.W. (1978). *Interpersonal relations: A theory of interdependence*. NY: John Wiley

- Kuroki, M. (2013). Opposite-sex coworkers and marital infidelity. *Economics Letters*, 118(1), 71-73.
- Lalasz, C. B., & Weigel, D. J. (2011). Understanding the relationship between gender and extradyadic relations: The mediating role of sensation seeking on intentions to engage in sexual infidelity. *Personality and Individual Differences*, 50(7), 1079-1083. doi:10.1016/j.paid.2011.01.029
- Larson, J. H., Peterson, D. J., Heath, V. A., & Birch, P. (2000). The relationship between perceived dysfunctional family-of-origin rules and intimacy in young adult dating relationships. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 26, 161-175.
- Larson, R. W., Richards, M., Moneta, G., Holmbeck, G., & Duckett, E. (1996). Changes in adolescents' daily interactions with their families from ages 10 to 18: Disengagement and transformation. *Developmental Psychology*, 32, 744-754.
- Lavelle, S. (2013). Tolerance for Infidelity: Exploring the factors that determine a person's likelihood of staying in a relationship where infidelity has occurred. *Dissertação de doutoramento, Universidade de Adelphy, Estados Unidos da América.*
- Lefkowitz, E. (2007). "Things have gotten better": Developmental changes among emerging adults after the transition to university. *Journal of Adolescent Research*, 20, 40-63.
- Li, T., & Fung, H. H. (2011). The dynamic goal theory of marital satisfaction. *Review of General Psychology*, 15(3), 246-254. <http://doi.org/10.1037/a0024694>
- Liu, C. (2018). A theory of sex difference in changes in marital sexual satisfaction. *Evolutionary Behavioral Sciences*, 12(4), 381-393. doi: 10.1037/ebs0000120

- Mark, K. P. (2012). The relative impact of individual sexual desire and couple desire discrepancy on satisfaction in heterosexual couples. *Sexual and Relationship Therapy, 27*(2), 133-146.
- Martin, R. W. (1991). Examining personal relationship thinking: The relational cognition complexity instrument. *Personal Relationships*
- Martins, A., Pereira, M., & Canavarro, M. C. (2014). Comportamentos extra-diádicos nas relações de namoro: Diferenças de sexo na prevalência e correlatos. *Análise Psicológica, 32*(1), 45-62. doi: <https://dx.doi.org/10.14417/ap.740>
- Martins, A., Pereira, M., Andrade, R., Dattilio, F. M., Narciso, I., & Canavarro, M. C. (2016). Infidelity in dating relationships: Gender-specific correlates of face-to-face and online extradyadic involvement. *Archives of Sexual Behavior, 45*(1), 193-205. <https://doi.org/10.1007/s10508-015-0576-3>
- Masten, A. S. (2018). Resilience Theory and Research on Children and Families: Past, Present, and Promise. *Journal of Family Theory & Review, 10*(1), 12-31. doi: 10.1111/jftr.12255.
- McAnulty, R., & Brineman, J. (2007). Infidelity in dating relationships. *Annual Review of Sex Research, 18*(1), 94-114. doi:10.1080/10532528.2007.10559848
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2004). Security-based self-representations in adulthood: Contents and processes. In W. S. Rholes & J. A. Simpson (Eds.), *Adult attachment: Theory, research, and clinical implications* (pp. 159-195). New York: Guilford Press.
- Mikulincer, M., Florian, V., Cowan, P. A., & Cowan, C. P. (2002). Attachment security in couple relationships: A systemic model and its implications for family dynamics. *Family Process, 41*(3), 405-434.

- Miller, S. L., & Maner, J. K. (2008). Coping with romantic betrayal: sex differences in responses to partner infidelity. *Evolutionary Psychology*, 6(3), 413-426. doi:10.1177/147470490800600305
- Narciso, I. & Ribeiro, M. T. (2009). Olhares sobre a conjugalidade. Coisas de Ler: Lisboa
- Narciso, I., & Costa, M. E. (1996). Amores satisfeitos, mas não perfeitos.
- Narciso, I., & Ribeiro, M.T. (Ed.). (2009). Olhares sobre a conjugalidade. Lisboa: Coisas de Ler.
- Neto, F. (2012). The satisfaction with sex life scale. *Measurement and Evaluation in Counseling and Development*, 45(1), 18-31
- Parkes, C.M., & Stevenson-Hinde, J. (1982). The place of attachment in human behavior. New York: Basic Books, Inc. Publishers.
- Pasini, W. (2010). Amores Infiéis: psicologia da traição. Rio de Janeiro: Rocco.
- Paul, E.L., & Hayes, K.A. (2002). The casualties of ‘casual’ sex: A qualitative exploration of the phenomenology of college students’ hookups. *Journal of Social and Personal Relationships*
- Pechorro, P., Almeida, A., Figueiredo, C. S., Pascoal, P. M. & Vieira, R. (2015). Validação portuguesa da Nova Escala de Satisfação Sexual. *Revista Internacional de Andrología*. 13 (2), 47-53.
- Pechorro, P., Diniz, A., Almeida, S., & Vieira, R. (2009). Validação de uma versão feminina do Índice de Satisfação Sexual (ISS). *Laboratório de Psicologia*, 7(1), 45-56
- Pechorro, P., Marôco, J., Poiães, C., & Vieira, X. R. (2011). Validação da escala de autoestima de Rosenberg com adolescentes portugueses em contexto forense e escolar. *Arquivos de Medicina*, 25, 174-179.

- Pederson, C. A., Ahnert, L., Anzenberger, G., Belsky, J., Draper, P., Fleming, A. S., Grossmann, K., et al., (2003). Group report: Beyond infant attachment: The origins of bonding in later life. In C. S. Carter, L. Ahnert, K. E. Grossmann, S. B. Hrdy, M. E. Lamb, S. W. Porges, & N. Sachser (Eds.), *Attachment and bonding: A new synthesis*. Cambridge: MIT Press.
- Pedro, M. F., Ribeiro, T., & Shelton, K. H. (2015). Romantic attachment and family functioning: The mediating role of marital satisfaction. *Journal of Child and Family Studies*, 24(11), 3482-3495. doi:10.1007/s10826-015-0150-6
- Perel, E. (2017). *The state of affairs: Rethinking infidelity-A book for anyone who has ever loved*. UK: Hachette.
- Plummer, D. (2012). *Como aumentar a autoestima das crianças: Guia prático para educadores, psicólogos e pais*. Porto: Porto Editora.
- Previti, D., & Amato, P. R. (2004). Is infidelity a cause or a consequence of poor marital quality? *Journal of Social and Personal Relationships*, 21, 217-230.
- quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(4), 644- 663. doi: 10.1037/0022-3514.58.4.644
- Relvas, A. P. (1996). *O Ciclo Vital da Família - Perspectiva Sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Ribeiro, J. L. P. (2001). *Mental Health Inventory: Um estudo de adaptação à população portuguesa*. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 77-99.
- Ribeiro, J. L. P., & Rodrigues, A. P. (2004). Questões acerca do coping: A propósito do estudo de adaptação do Brief Cope. *Psicologia, Saúde e Doenças*, (1), 3-

- Rissel, C. E., Ritchers, J., Grulich, A. E., deVissor, R. O., & Smith, A. M. (2003). Sex in Australia: Selected characteristics of regular sexual relationships. *Australian and New Zealand Journal of Public Health*, 27, 124-130.
- Rogozinski, E., Motta, E. & Lobo, M. (2010, agosto). Infidelidade: um ponto final ou um tempero no relacionamento [Resumo]. In Workshop, IX Congresso Brasileiro de Terapia Familiar (pp. 88-89). Búzios, RJ, ABRATEF.
- Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image*. Princeton: Princeton University Press. Acedido a 18 de abril de 2017 e disponível em http://www.fetzer.org/sites/default/files/images/stories/pdf/selfmeasures/Self_Measures_for_Self-Esteem_ROSENBERG_SELF-ESTEEM.pdf
- Rosenberg, M. (1989). *Society and the adolescent self-image*. New Jersey: Princeton University Press.
- Rusbult, C. e Buunk, B. (1993). Commitment processes in close relationships: an interdependence analysis. *Journal of Social and Personal Relationships*, 10, 175-204.
- Rusbult, C. E. (1980). Commitment and satisfaction in romantic associations: A test of the investment model. *Journal of experimental social psychology*, 16(2), 172-186.
- Rusbult, C. E. (1983). A longitudinal test of the investment model: The development (and deterioration) of satisfaction and commitment in heterosexual involvements. *Journal of personality and social psychology*, 45(1), 101.
- Rusbult, C. E. (1987). Responses to dissatisfaction in close relationships: The exit-voice-loyalty-neglect model. In D. Perlman & S. Duck (Eds.), *Intimate relationships: Development, dynamics, and deterioration* (pp. 209–237). Thousand Oaks, CA: Sage.

- Rusbult, C. E., & Zembrodt, I. M. (1983). Responses to dissatisfaction in romantic involvements: A multidimensional scaling analysis. *Journal of Experimental Psychology*, 19, 274–293. doi:10.1016=0022-1031(83)90042-2
- Rusbult, C. E., Agnew, C., & Arriaga, X. (2011). The investment model of commitment processes. Department of Psychological Sciences Faculty Publications, 26.
- Rusbult, C. E., Martz, J. M., & Agnew, C. R. (1998). The investment model scale: Measuring commitment level, satisfaction level, quality of alternatives, and investment size. *Personal Relationships*, 5(4), 357–387. doi: 10.1111/j.1475-6811.1998.tb00177.x
- Rusbult, C. E., Zembrodt, I. M., & Gunn, L. K. (1982). Exit, voice, loyalty, and neglect: Responses to dissatisfaction in romantic involvements. *Journal of Personality and Social Psychology*, 43, 1230–1242. doi:10.1037=0022-3514.43.6.1230
- Rutter, M. (2012). Resilience as a dynamic concept. *Development and psychopathology*, 24(2), 335-344.
- Sánchez-Fuentes, M. M., Santos-Iglesias, P., & Sierra, J. C. (2014). A systematic review of sexual satisfaction. *International Journal of Clinical and Health Psychology* 14(1), 67-75. [http://doi.org/10.1016/S1697-2600\(14\)70038-9](http://doi.org/10.1016/S1697-2600(14)70038-9)
- Sánchez, C. M. (2011). Relación entre concordancia de valores y satisfacción marital en parejas de nivel socioeconómico bajo. *Psykhé*, 12(1), 161-175. <http://doi.org/10.7764/PSYKHE.12.1.343>
- Sattler, M. K., Tavares, A. C. C. N., & Silva, I. M. D. (2017). A infidelidade no relacionamento amoroso: Possibilidades no trabalho clínico com casais.

- Schachner, D. A., Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2012). Teoria do apego adulto, psicodinâmica e relações conjugais. In S. M. Johnson & V. E. Whiffen (Orgs.), *O processo de apego na terapia de casal e família* (pp. 17-39). São Paulo, Rocca.
- Scheeren, P., Apellániz, I. D. A. M. D., & Wagner, A. (2018). Infidelidade conjugal: a experiência de homens e mulheres. *Trends in Psychology*, 26, 355-369.
- Schoen-Ferreira, T. H., Aznar-Farias, M., & Silvaes, E. F. D. M. (2003). A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 8, 107-115.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. dos (2010b). Satisfação com a vida e satisfação diádica: Correlações entre construtos de bem-estar. *Psico-USF*, 15(2), 249-256.
- Seiffge-Krenke, I. (2006). Leaving home or still in the nest? Parent-child relationships and psychological health as predictors of different leaving home patterns. *Developmental Psychology*, 42 (5) 864-876.
- Shackelford, T.K., Buss, D.M. e Bennett, K. (2002). Forgiveness or breakup: Sex differences in responses to a partner's infidelity. *Cognition and Emotion*, 16(2), 299-307.
- Shaver, P. R. & Mikulincer, M. (2002). Dialogue on adult attachment: Diversity and integration. *Attachment and Human Development*, 4 (2), 243-257
- Simões, C., Santos, A. C., Canha, L., & Matos, M. G. D. (2019). Resiliência na adolescência: género e a idade fazem a diferença? *Child and Adolescent Psychology/Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 10(1), 29-40.
- Simpson, J. A. (1990). Influence of attachment styles on romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59(5), 971-980. doi:10.1037/0022-3514.59.5.971

- Simpson, J. A., & Rholes, W. S. (2017). Adult attachment, stress, and romantic relationships. *Current opinion in psychology*, 13(1), 19-24. doi: 10.1016/j.copsyc.2016.04.006
- Snyder, D. K., Baucom, D. H., & Gordon, K. C. (2008). An integrative approach to treating infidelity. *The Family Journal*, 16(4), 300-307.
- Soares, I. (2009). Desenvolvimento da teoria e da investigação da vinculação. In I. Soares (Ed.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (pp. 13-45). Braga: Psiquilibrios.
- Soares, I., Martins, E. C., & Tereno, S. (2009). Vinculação na infância. In I. Soares (Ed.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (pp. 47-98). Braga: Psiquilibrios.
- Souto, S. L. (2016). *Relações amorosas e infidelidade*. (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Sprecher, S., & Felmlee, D. (1992). The influence of parents and friends on the quality and stability of romantic relationships: A three-wave longitudinal investigation. *Journal of Marriage and the Family*, 54, 888-900.
- Sroufe, L. A. (2005). Attachment and development: A prospective, longitudinal study from birth to adulthood. *Attachment and Human Development*, 7, 349-367. doi: 10.1080/14616730500365928
- Sroufe, L. A., & Waters, E. (1977). Attachment as an organizational construct. *Child Development*, 48, 1184-1199. doi: 10.1111/1467-8624.ep10398712
- Tang, N., Bensman, L., Hatfield, E. (2013). Culture and sexual self-disclosure and intimate relationships. *Interpersona*, 7 (2), 227-245.

- Van IJzendoorn, M. H. (1995). Adult attachment representations, parental responsiveness, and infant attachment: A meta-analysis on the predictive validity of the adult attachment interview. *Psychological Bulletin*, 117, 387-403.
- Vatin, F. (2004). Évolution historique d'une pratique: le passage de l'adultère à l'infidélité. *Sociétés Revue des Sciences Humaines et Sociales*, (2), 33-40.
- Velten, J., & Margraf, J. (2017). Satisfaction guaranteed? How individual, partner, and relationship factors impact sexual satisfaction within partnerships. *PloS one*, 12(2), e0172855.
- Viegas, T. & Moreira, J. M. (2013). Julgamentos de infidelidade: um estudo exploratório dos seus determinantes. *Estudos de Psicologia*, 18(3), 411-418.
- Viegas, T. A., & Moreira, J. M. (2015). Mas porquê? Um estudo multiteórico dos preditores da infidelidade. *Psicologia*, 29(2), 1-16.
<http://dx.doi.org/10.17575/rpsicol.v29i2.1006>
- Vieira, J. (2008). Vinculação romântica e parentalidade (Dissertação de Mestrado), Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.
- Walster, E., Traupmann, J., & Walster, G. W. (1978). Equity and extramarital sexuality.
- Wiederman, M. W., & LaMar, L. (1998). "Not with him you don't!": Gender and emotional reactions to sexual infidelity during courtship. *Journal of Sex Research*, 35(3), 288-297.
- Zare, B. (2011, July). Review of studies on infidelity. In 3rd International Conference on Advanced Management Science (Vol. 19, No. 2, pp. 182-6).
- Zayas, V., Shoda, Y., & Ayduk, O. N. (2002). Personality in context: An interpersonal systems perspective. *Journal of personality*, 70(6), 851-900.

World Health Organization (2002). *Growing in Confidence: Programming for Adolescent health and Development – Lessons from eight countries*. Department of Child and Adolescent Health and Development.

Apêndices

Apêndice A *Consentimento Informado*

Consentimento Informado

A presente investigação surge no âmbito da Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, na Universidade Lusíada de Lisboa (ULL). O seguinte estudo tem como principal objetivo explorar os preditores e os efeitos da infidelidade numa amostra de jovens portugueses universitários.

O estudo é realizado por Catarina Saraiva, sob a orientação da Professora Doutora Joana Lopes. A sua participação consiste em responder ao questionário apresentado, tendo aproximadamente uma duração de 10-15 minutos.

Para tal, solicito a sua colaboração para o preenchimento do presente questionário, sendo o mesmo apenas dirigido a jovens adultos universitários com idades entre os 20 e 24 anos. Não existem respostas certas ou erradas, apenas pretende-se a sua resposta pessoal e sincera. É de salientar que o questionário é de natureza confidencial, e o respetivo tratamento, será realizado de forma global, não sendo sujeito a uma análise individualizada, o que indica que o seu anonimato será respeitado.

A sua participação é voluntária, podendo, por isso desistir a qualquer momento, se assim o desejar.

Em caso de dúvida poderá contactar para o seguinte email,

catarina.g.saraiva0@gmail.com

Desde já, agradeço a sua participação no estudo

Apêndice B. *Questionário Sociodemográfico*

Idade

- 20
- 21
- 22
- 23
- 24

Sexo

- Feminino
- Masculino
- Outro

Estado Civil

- Solteiro/a
- Casado/a ou em União de facto
- Divorciado/a ou Separado/a
- Viúvo/a

Habilitações Literárias

- Licenciatura
- Mestrado
- Doutoramento

Alguma vez se envolveu com outro/s indivíduo/s enquanto mantinha uma relação amorosa?

- Sim
- Não
- Ambos se envolviam com outro/s indivíduos/s exterior/es à relação

Caso tenha respondido que “**Sim**” são apresentadas as seguintes questões:

Porque considera que traiu?

Quanto tempo durou o caso extraconjugal?

Contou ao/a seu/a parceiro/a sobre o caso extraconjugal?

- Sim
- Não

Caso tenha respondido que “**Não**” são apresentadas as seguintes questões:

Durante a relação amorosa teve conhecimento de algum envolvimento extraconjugal por parte do/a seu/ua parceiro/a?

- Sim
- Não

Caso tenha respondido que “**Ambos se envolviam com outro/s indivíduos/s exterior/es à relação**” são apresentadas as seguintes questões:

Porque considera que traiu?

Quanto tempo durou o caso extraconjugal?

Contou ao/a seu/a parceiro/a sobre o caso extraconjugal?

- Sim
- Não

